

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS  
ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS JURÍDICAS E SOCIAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA**

**CHRISTIAN LUAN DA SILVA CARMO**

**A ÉTICA PRAGMÁTICA DE JOHN DEWEY**

**CAMPINAS**

**2024**

**CHRISTIAN LUAN DA SILVA CARMO**

**A ÉTICA PRAGMÁTICA DE JOHN DEWEY**

Trabalho de Conclusão de Curso de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob orientação do Prof. Dr. Paulo Moacir Godoy Pozzebon, para obtenção do título acadêmico de Bacharel em Filosofia.

**CAMPINAS**

**2024**

Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI  
Gerador de fichas catalográficas da Universidade PUC-Campinas  
Dados fornecidos pelo(a) autor(a).

C287é	<p>Da Silva Carmo, Christian Luan</p> <p>A ética pragmática de John Dewey / Christian Luan Da Silva Carmo. - Campinas: PUC-Campinas, 2024.</p> <p>58 f.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Paulo Moacir Godoy Pozzebon.</p> <p>TCC (Bacharelado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2024.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1. Pragmatismo. 2. Filosofia Contemporânea. 3. Ética. I. Godoy Pozzebon, Prof. Dr. Paulo Moacir . II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. III. Título.</p>
-------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS  
ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS JURÍDICAS E SOCIAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA  
CHRISTIAN LUAN DA SILVA CARMO**

**A ÉTICA PRAGMÁTICA DE JOHN DEWEY**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas como requisito final para obtenção do título acadêmico de Bacharel em Filosofia, sob orientação do Prof. Dr. Paulo Moacir Godoy Pozzebon

**CAMPINAS  
2024**

Julgado e aprovado em 02/ 12/ 2024

***Excelente estudo, que merece continuidade e aprofundamento. Nota: Dez.***



---

Prof. Dr. Paulo Moacir Godoy Pozzebon  
Docente da Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Orientador

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço de coração a todos que tornaram possível a realização desta monografia. Em primeiro lugar, quero expressar minha profunda gratidão ao meu pai, Luiz Antonio do Carmo, e a minha mãe, Claudia Maria da Silva Carmo, cujo amor incondicional e apoio constante foram essenciais em cada etapa deste percurso acadêmico.

Meu irmão, Erick Luan da Silva Carmo, também merece meu agradecimento por sua compreensão e incentivo durante os momentos desafiadores desta jornada.

À minha querida avó, Hilda Maria da Silva, dedico um especial agradecimento por seu carinho e sabedoria, que sempre foram fontes de inspiração para mim.

Ao meu orientador, Paulo Moacir Godoy Pozzebon, expresso minha mais profunda gratidão. Sua orientação perspicaz, paciência e apoio foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, e por isso sou imensamente grato.

À Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), meu sincero agradecimento por proporcionar um ambiente de aprendizado enriquecedor e por investir em minha formação acadêmica.

À Diocese de Bragança Paulista, expresso minha gratidão pela oportunidade de aprendizado e crescimento espiritual que proporcionaram ao longo desta jornada.

Por fim, não posso deixar de agradecer a Jesus Cristo, cuja presença e inspiração foram constantes em minha vida. Sua graça e orientação foram fundamentais para alcançar este objetivo.

A todos vocês, meu mais sincero obrigado. Este trabalho não seria possível sem o apoio e contribuição de cada um de vocês. Que este seja apenas o início de uma jornada de aprendizado e realização contínua.

Meu Deus, perdoa o que fui, corrige o  
que sou e dirige o que serei

Santa Elizabeth Ann Seton

## RESUMO

A monografia aborda a ética pragmática desenvolvida por John Dewey. O problema central investigado é como a ética de Dewey, fundamentada no pragmatismo, se aplica ao contexto social contemporâneo, especialmente na educação e na política. A pesquisa examina como a moralidade é vista como um processo evolutivo e socialmente construído, contrastando com visões morais absolutistas. O principal objetivo desta monografia é investigar os fundamentos da ética pragmática de John Dewey, suas aplicações práticas e os impactos resultantes dessa abordagem filosófica. Pretende-se demonstrar como a ética de Dewey pode ser aplicada na educação moderna e na democracia participativa, proporcionando uma alternativa robusta e adaptável aos dilemas morais contemporâneos. A metodologia utilizada na pesquisa é de caráter qualitativo e exploratório, baseada em revisão bibliográfica de obras primárias de John Dewey e de comentários críticos sobre sua filosofia. A análise envolve a contextualização histórica e filosófica do pragmatismo, a descrição detalhada dos conceitos éticos centrais de Dewey e a avaliação de casos práticos onde esses conceitos foram aplicados. A ética pragmática de Dewey oferece uma abordagem flexível e relevante para enfrentar os dilemas morais do mundo moderno. Os resultados da pesquisa indicam que os princípios de Dewey são aplicáveis em diversos contextos, promovendo uma moralidade adaptável e socialmente relevante. A monografia conclui que a ética de Dewey continua a ser uma ferramenta valiosa para a educação e a política, sugerindo direções para pesquisas futuras e aplicações práticas em áreas emergentes.

**Palavras-chave:** Democracia, Dewey, Educação, Ética, Pragmatismo.

## **ABSTRACT**

The monograph addresses the pragmatic ethics developed by John Dewey. The central problem investigated is how Dewey's ethics, grounded in pragmatism, apply to the contemporary social context, especially in education and politics. The research examines how morality is seen as an evolutionary and socially constructed process, in contrast to absolutist moral views. The main objective of this monograph is to investigate the foundations of John Dewey's pragmatic ethics, its practical applications, and the resulting impacts of this philosophical approach. It aims to demonstrate how Dewey's ethics can be applied in modern education and participatory democracy, providing a robust and adaptable alternative to contemporary moral dilemmas. The methodology used in the research is qualitative and exploratory, based on a bibliographic review of John Dewey's primary works and critical commentaries on his philosophy. The analysis involves the historical and philosophical contextualization of pragmatism, a detailed description of Dewey's central ethical concepts, and the evaluation of practical cases where these concepts have been applied. Dewey's pragmatic ethics offer a flexible and relevant approach to addressing the moral dilemmas of the modern world. The research results indicate that Dewey's principles are applicable in various contexts, promoting an adaptable and socially relevant morality. The monograph concludes that Dewey's ethics continue to be a valuable tool for education and politics, suggesting directions for future research and practical applications in emerging areas.

**Keywords:** Democracy, Dewey, Education, Ethics, Pragmatism.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 FUNDAMENTOS DA FILOSOFIA DE JOHN DEWEY .....</b>	<b>12</b>
2.1 INTRODUÇÃO AO PRAGMATISMO .....	13
2.2 A VIDA E OBRA DE JOHN DEWEY .....	15
2.3 PRINCÍPIOS CENTRAIS DO PRAGMATISMO DE DEWEY .....	18
<b>3 A ÉTICA PRAGMÁTICA DE JOHN DEWEY .....</b>	<b>24</b>
3.1 CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA ÉTICA PRAGMÁTICA.....	25
3.2 A MORALIDADE COMO PROCESSO E CONSTRUÇÃO SOCIAL .....	32
3.3 A EDUCAÇÃO MORAL E O DESENVOLVIMENTO DO CARÁTER.....	36
<b>4 APLICAÇÕES E IMPACTOS DA ÉTICA PRAGMATISTA.....</b>	<b>40</b>
4.1 A ÉTICA DE DEWEY NA EDUCAÇÃO .....	41
4.2 A ÉTICA PRAGMÁTICA E POLÍTICA .....	45
4.3 DESAFIOS E CRÍTICAS À ÉTICA PRAGMATISTA.....	49
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>55</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A ética pragmática de John Dewey é amplamente reconhecida como uma das abordagens filosóficas mais inovadoras e influentes do século XX. Ao longo de sua vasta produção intelectual, Dewey não apenas reformulou as bases do pragmatismo, mas também ofereceu uma visão ética profundamente enraizada na experiência humana e no contexto social. Esta monografia tem como objetivo examinar de maneira abrangente os fundamentos, as aplicações e os impactos da ética pragmática de Dewey, com especial ênfase em sua relevância contemporânea na educação e na política.

No final do século XIX, o pragmatismo emergiu como uma resposta ao ceticismo e relativismo moral que permeavam o pensamento filosófico da época. Ao contrário das abordagens tradicionais que buscavam verdades universais e imutáveis, o pragmatismo de Dewey coloca a experiência e a ação prática no centro da formação do conhecimento e da moralidade. Sua obra rejeita dicotomias rígidas, como a separação entre teoria e prática, ou entre o individual e o social, propondo uma ética dinâmica, evolutiva e socialmente construída (DEWEY, 1922).

Dewey foi profundamente influenciado pelas mudanças sociais e tecnológicas que marcaram o início do século XX, um período de rápidas transformações nas estruturas políticas e educacionais dos Estados Unidos. Em suas obras, ele reconhece que a sociedade industrial moderna demanda uma nova maneira de pensar sobre a moralidade, uma ética que seja flexível o suficiente para lidar com as incertezas do mundo contemporâneo (WESTBROOK, 1991).

A questão central que motiva esta monografia é o dilema moral enfrentado pelas sociedades modernas: como lidar com a diversidade de valores e experiências sem recorrer a verdades absolutas e imutáveis? Dewey argumenta que a moralidade é um processo contínuo de adaptação e interação social, mais do que um conjunto de regras fixas. Esse contexto problemático se reflete em áreas como a educação e a política, onde surgem perguntas fundamentais sobre como formar cidadãos éticos e participativos em uma sociedade pluralista e em constante mudança (Dewey, 1916).

O problema específico que este trabalho pretende investigar é: como a ética pragmática de John Dewey, baseada em sua concepção de moralidade como processo evolutivo e social, pode ser aplicada no contexto social contemporâneo?

Mais especificamente, busca-se examinar como essa ética pode ser aplicada na educação e na política, contrastando-a com visões morais absolutistas e inflexíveis.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e exploratória, baseada em uma revisão bibliográfica de obras primárias de John Dewey, como "*Human Nature and Conduct*" (1922) e "*Democracy and Education*" (1916), além de comentários críticos de autores contemporâneos. A análise será estruturada em três níveis: (1) contextualização histórica e filosófica do pragmatismo, (2) descrição detalhada dos conceitos éticos centrais de Dewey, como a moralidade enquanto processo social e evolutivo, e (3) avaliação de casos práticos onde os conceitos de Dewey foram aplicados, com especial atenção ao campo da educação e da democracia participativa.

No primeiro capítulo, intitulado "*Fundamentos da Filosofia de John Dewey*", será traçada uma linha do tempo da evolução do pragmatismo, incluindo uma breve biografia de Dewey e suas principais influências filosóficas. Será discutido como Dewey integrou filosofia, psicologia e pedagogia em sua obra, estabelecendo a base para sua ética pragmática (Westbrook, 1991). A ênfase será dada à concepção de que a experiência humana é o ponto de partida para o desenvolvimento do conhecimento e da moralidade, em contraste com abordagens tradicionais que colocam a razão ou os princípios universais no centro da ética.

O segundo capítulo, "*A Ética Pragmática de Dewey*", abordará diretamente os principais conceitos da ética deweyana. Aqui, exploraremos a ideia de que a moralidade não é um conjunto fixo de normas, mas um processo contínuo de reconstrução, em que os indivíduos aprendem a agir de forma ética através de suas interações sociais e experiências (Dewey, 1938a). Um dos aspectos centrais deste capítulo será a análise de como Dewey vê a educação como um instrumento essencial para o desenvolvimento moral, promovendo a formação do caráter em um ambiente que valoriza a democracia e a participação ativa.

No terceiro capítulo, "*Aplicações e Impactos da Ética Pragmatista*", será investigada a aplicação prática das ideias de Dewey na educação e na política. Serão analisados casos concretos, como a implementação de princípios pragmatistas na educação progressista, que enfatiza a aprendizagem baseada na experiência (MAYHEW; EDWARDS, 1965). Também exploraremos a concepção de Dewey sobre a democracia como um processo moral contínuo, no qual os cidadãos não apenas exercem direitos políticos, mas também participam ativamente na construção ética da

sociedade (Dewey, 1916). Este capítulo incluirá uma avaliação crítica dos desafios e das críticas feitas à ética pragmática, discutindo as respostas oferecidas por Dewey e seus seguidores.

A conclusão desta monografia sintetizará os principais pontos discutidos, reafirmando a importância da ética pragmática de Dewey para os dilemas morais contemporâneos. Ao rejeitar verdades absolutas e promover uma moralidade adaptável às circunstâncias sociais, a ética de Dewey oferece uma abordagem flexível e robusta para lidar com as complexidades do mundo moderno. Sua ênfase na educação e na democracia participativa permanece especialmente relevante em tempos de crescente polarização social e política (Putnam, 1995). Além disso, sugerimos direções para pesquisas futuras, como a aplicação dos princípios de Dewey em áreas emergentes como a ética ambiental e a bioética.

Dessa forma, esta monografia não se limita a uma análise teórica da ética de Dewey, mas busca também demonstrar sua aplicação prática e relevância no mundo atual. A pesquisa confirma que os princípios de Dewey são aplicáveis em uma variedade de contextos, oferecendo uma base sólida para enfrentar os dilemas éticos contemporâneos de forma adaptável e socialmente significativa.

## 2 FUNDAMENTOS DA FILOSOFIA DE JOHN DEWEY

John Dewey é uma figura central no desenvolvimento do pragmatismo, uma corrente filosófica que floresceu no final do século XIX e início do século XX. Esta seção examina os pilares fundamentais da filosofia de Dewey, oferecendo uma visão abrangente de suas ideias e influências. Dividida em três partes principais, a análise abrange desde os fundamentos do pragmatismo até as contribuições específicas de Dewey, passando pelo contexto histórico e filosófico que moldou suas teorias.

O pragmatismo surgiu como uma resposta aos problemas filosóficos tradicionais, desafiando a separação rígida entre teoria e prática. Neste contexto, apresentamos os princípios básicos dessa corrente filosófica, ressaltando sua proposta de conectar o pensamento à ação. O pragmatismo propõe uma abordagem funcional e utilitária do conhecimento e da verdade, fundamentada na experiência e nos resultados práticos, aspectos que se destacam na filosofia de Dewey.

Para compreender o pragmatismo de Dewey, é essencial situá-lo no contexto histórico e filosófico de sua época. O final do século XIX foi um período de grandes transformações sociais, científicas e tecnológicas, que desafiaram as filosofias tradicionais. Nesta seção, examinamos esses contextos e as influências de pensadores como Charles Sanders Peirce e William James, cujas ideias abriram caminho para o desenvolvimento do pragmatismo deweyano.

Dewey não formulou suas ideias isoladamente. Ele foi profundamente influenciado por uma ampla gama de filósofos e contemporâneos, cujas ideias dialogam com as suas. Esta seção investiga essas influências e interlocuções, revelando as trocas intelectuais que enriqueceram seu pensamento.

Conhecer a trajetória pessoal e acadêmica de Dewey é fundamental para entender a profundidade e o alcance de sua filosofia. Aqui, destacamos momentos-chave de sua vida que moldaram suas teorias e escritos, fornecendo um panorama de sua formação e desenvolvimento intelectual.

A carreira de Dewey foi marcada por seu trabalho em diversas instituições educacionais e sua participação ativa nos debates filosóficos e sociais de sua época. Nesta seção, traçamos sua trajetória desde os primeiros anos de formação até seu reconhecimento como um dos filósofos mais influentes de seu tempo.

Dewey produziu uma vasta obra, abordando temas como filosofia da educação, teoria política e ética. Analisamos suas principais contribuições e como elas moldaram o pensamento contemporâneo, destacando a relevância contínua de suas ideias.

A filosofia de Dewey é ancorada em uma série de princípios que refletem seu compromisso com a experiência e a prática como bases do conhecimento. Ele define a experiência como o ponto de partida para toda investigação, propondo que o conhecimento emerge da interação dinâmica entre o indivíduo e o ambiente, um tema central em sua obra.

Dewey também critica a separação tradicional entre teoria e prática, defendendo que a filosofia deve ser aplicável à vida cotidiana. Esta seção examina sua visão sobre a interdependência entre esses dois campos e como essa perspectiva molda suas abordagens educacionais e sociais.

Outro aspecto inovador de sua filosofia é a crítica ao dualismo cartesiano, que separa mente e corpo, teoria e prática. Aqui, exploramos como Dewey desafia essa visão dualista, propondo uma abordagem mais holística e integrada do ser humano e do conhecimento.

Enfim aprofundaremos cada um desses aspectos, oferecendo uma compreensão abrangente da filosofia de John Dewey e sua relevância para o pensamento contemporâneo.

## 2.1 INTRODUÇÃO AO PRAGMATISMO

O pragmatismo é uma corrente filosófica que emergiu nos Estados Unidos no final do século XIX e início do século XX, tendo como principais expoentes Charles Sanders Peirce, William James e John Dewey. Este movimento filosófico é caracterizado pela ênfase na prática e nas consequências práticas como elementos centrais para a formação e validação do conhecimento (MISAK, 2013).

O pragmatismo surgiu em um período de grande transformação nos Estados Unidos, marcado pelo rápido desenvolvimento industrial, urbanização e mudanças sociais significativas (MENAND, 2001). Durante o final do século XIX, a sociedade americana estava em meio a uma transição de uma economia agrária para uma economia industrial, o que trouxe novos desafios e oportunidades (KLUGE, 2004). Este contexto de mudança e adaptação influenciou profundamente o desenvolvimento do pragmatismo.

O pragmatismo, como corrente filosófica, se desenvolveu a partir das contribuições de seus principais expoentes, cada um trazendo perspectivas únicas e ampliando o escopo da teoria.

Charles Sanders Peirce é amplamente reconhecido como o fundador do pragmatismo. Em seu ensaio "*How to Make Our Ideas Clear*" (1878), Peirce propôs o "princípio pragmático", que sugere que o significado de um conceito é determinado pelas suas consequências práticas (PEIRCE, 1878). Este princípio foi posteriormente desenvolvido e popularizado por William James, que enfatizou a importância da experiência individual e das consequências práticas das crenças na formação do conhecimento (JAMES, 1907).

Peirce introduziu o pragmatismo como um método para esclarecer conceitos e resolver disputas filosóficas. Ele argumentou que "para compreender o significado de uma ideia, é necessário considerar seus efeitos práticos concebíveis" (PEIRCE, 1878, p.287). Para Peirce (1878), a verdade é aquilo que seria estabelecido no longo prazo por uma comunidade de investigadores racionais. Suas contribuições também incluem o desenvolvimento da semiótica e da lógica como fundamentos do pragmatismo. (MISAK, 2013)

William James, influenciado pelas ideias de Peirce, ampliou o pragmatismo para incluir uma teoria da verdade baseada na utilidade e na satisfação prática. Em sua obra "*Pragmatism*" (1907), James argumenta que "a verdade é o que funciona em termos de resultados práticos e que as crenças devem ser avaliadas com base em suas consequências" (JAMES, 1907, p.93). Ele enfatiza a importância da experiência individual e da flexibilidade no pensamento (JAMES, 1890).

John Dewey, aplicou os princípios pragmáticos à educação, política e ética. Dewey acreditava que a educação deveria ser orientada para a experiência e a prática, preparando os indivíduos para a vida democrática (DEWEY, 1916). Em sua obra "*Democracy and Education*" (1916), Dewey propõe que a educação deve ser um processo de reconstrução contínua da experiência, promovendo a participação ativa e crítica dos indivíduos na sociedade (DEWEY, 1916).

O pragmatismo teve um impacto significativo em várias áreas do conhecimento, incluindo a filosofia, a educação, a psicologia e a ciência social. Sua ênfase na prática e nas consequências práticas influenciou o desenvolvimento do pensamento científico e do método experimental (PUTNAM, 1995). Além disso, o pragmatismo contribuiu para o desenvolvimento da filosofia analítica e da teoria da ação (RORTY, 1982).

A filosofia analítica, que se desenvolveu no século XX, foi influenciada pelo pragmatismo em sua abordagem ao significado e à linguagem. Filósofos como Ludwig Wittgenstein e Willard Van Orman Quine incorporaram elementos pragmáticos em suas teorias sobre a linguagem e o conhecimento (QUINE, 1951).

O pragmatismo, com suas raízes históricas no contexto de transformação social e econômica dos Estados Unidos do final do século XIX, e seu desenvolvimento filosófico através das contribuições de Peirce, James e Dewey, oferece uma abordagem única e prática para a compreensão do conhecimento e da verdade. Sua ênfase nas consequências práticas e na experiência individual continua a influenciar diversas áreas do conhecimento e a oferecer uma perspectiva valiosa para enfrentar os desafios contemporâneos.

## 2.2 A VIDA E OBRA DE JOHN DEWEY

John Dewey nasceu em 20 de outubro de 1859, em Burlington, Vermont, Estados Unidos. Ele foi o terceiro filho de uma família de quatro crianças. Dewey graduou-se na Universidade de Vermont em 1879, e depois lecionou ensino médio por dois anos. Posteriormente, ingressou na Universidade Johns Hopkins, onde estudou filosofia e psicologia, obtendo seu doutorado em 1884 (WESTBROOK, 1991).

Após a conclusão de seus estudos, Dewey iniciou sua carreira acadêmica na Universidade de Michigan, onde lecionou de 1884 a 1894. Durante esse período, ele desenvolveu suas primeiras ideias sobre educação e filosofia. Em 1894, Dewey transferiu-se para a Universidade de Chicago, onde se tornou um dos fundadores da Escola de Chicago de filosofia. Lá, ele também fundou o Laboratório Escolar da Universidade de Chicago, um ambiente experimental para a aplicação de suas teorias educacionais (WESTBROOK, 1991).

Em 1904, Dewey mudou-se para a Universidade Columbia, onde permaneceu até sua aposentadoria em 1930. Em Columbia, ele continuou a desenvolver e expandir suas teorias sobre educação, democracia e filosofia. Dewey faleceu em 1º de junho de 1952, deixando um legado duradouro nas áreas da filosofia e educação (HOOK, 1970).

Em *Democracy and Education*, Dewey argumenta que:

A educação deve ser um processo democrático, capacitando os indivíduos para participarem ativamente na sociedade. A aprendizagem deve ser centrada na experiência e na resolução de problemas práticos. A educação deve ser vista como um instrumento para alcançar a democracia plena. (DEWEY, 1916, p.88).

Esta obra é considerada uma das mais influentes de Dewey, moldando práticas educacionais progressistas em todo o mundo.

Em *Experience and Nature* (1925), Dewey explora a relação entre a experiência humana e o mundo natural, propondo que a experiência é o ponto de partida para a filosofia. Ele argumenta que “a interação contínua entre o ser humano e seu ambiente é fundamental para a construção do conhecimento” (DEWEY, 1925, p.137). Dewey defende uma visão pragmatista, na qual a verdade é vista como um processo contínuo de ajuste e adaptação às circunstâncias (DEWEY, 1925).

Na obra *The Quest for Certainty*, Dewey critica a busca pela certeza absoluta na filosofia e na ciência. Ele argumenta que “tal busca é ilusória e que o conhecimento deve ser entendido como um processo contínuo de investigação e revisão” (DEWEY, 1929, p.143). Dewey defende uma abordagem experimentalista, na qual a verdade é determinada pelas consequências práticas das ideias (DEWEY, 1929).

Em *Logic: The Theory of Inquiry* (1938b), Dewey apresenta uma teoria da lógica e do método científico baseada nos princípios do pragmatismo. Ele argumenta que “o processo de investigação científica deve ser visto como um ciclo contínuo de formulação de hipóteses, experimentação e revisão” (DEWEY, 1938b, p. 349). Dewey enfatiza a importância da reflexão crítica e da colaboração na construção do conhecimento (DEWEY, 1938b).

As contribuições filosóficas de John Dewey abrangem diversas áreas, incluindo epistemologia, ética, política e psicologia. Ele é amplamente reconhecido por sua defesa do pragmatismo, uma corrente filosófica que enfatiza a importância da prática e das consequências práticas na formação e validação do conhecimento (MENAND, 2001). Dewey também foi um defensor da educação progressista, propondo que a educação deve ser centrada no aluno e baseada na experiência, promovendo a participação ativa e crítica dos estudantes (DEWEY, 1938a).

Embora Dewey esteja inserido na tradição do pragmatismo, é importante destacar que sua filosofia não foi moldada exclusivamente por essa corrente. Ele também foi influenciado por outros filósofos e pensadores, cujas ideias contribuíram significativamente para a formação de sua visão pragmática. Essas influências

variadas ajudaram a enriquecer e aprofundar o pragmatismo de Dewey, conferindo-lhe uma abordagem distintiva e multifacetada.

As ideias de Hegel sobre dialética e o desenvolvimento do espírito influenciaram profundamente Dewey, especialmente em seus primeiros anos (WESTBROOK, 1991). Dewey foi atraído pela ideia hegeliana de que a realidade é um processo dinâmico de desenvolvimento e que o pensamento humano é uma parte integrante desse processo (DEWEY, 1903). Essa visão dialética da realidade é evidente na ênfase de Dewey sobre a reconstrução contínua da experiência (DEWEY, 1925).

A teoria da evolução de Charles Darwin teve um impacto profundo no pensamento de Dewey (WESTBROOK, 1991). Dewey viu a evolução como um processo contínuo de adaptação e mudança, e essa perspectiva influenciou sua visão de que o conhecimento e a moralidade também são produtos de um processo evolutivo (DEWEY, 1910). A noção de que as ideias devem ser testadas e verificadas em termos de suas consequências práticas reflete uma abordagem experimentalista inspirada no darwinismo (DEWEY, 1938b).

George Herbert Mead, um colega de Dewey na Universidade de Chicago, foi uma influência significativa e um colaborador intelectual próximo (WESTBROOK, 1991). Mead é conhecido por suas contribuições à psicologia social e ao desenvolvimento do interacionismo simbólico (MEAD, 1934). As ideias de Mead sobre a formação do self e a importância da comunicação e da interação social influenciaram as concepções de Dewey sobre a educação e a democracia (DEWEY, 1916).

Jane Addams, uma reformadora social e ativista, colaborou com Dewey em várias iniciativas educacionais e sociais em Chicago. Addams fundou a Hull House, uma casa de assentamento que oferecia serviços educacionais e sociais a imigrantes e trabalhadores urbanos. Dewey admirava e apoiava o trabalho de Addams, e suas ideias sobre a educação como um meio de reforma social foram influenciadas pela prática de Addams (WESTBROOK, 1991).

William Rainey Harper, o primeiro presidente da Universidade de Chicago, foi um dos principais apoiadores de Dewey. Harper incentivou Dewey a desenvolver seu laboratório escolar, onde Dewey pôde aplicar suas teorias educacionais em um ambiente prático (DEWEY, 1896). A colaboração com Harper foi crucial para o desenvolvimento das ideias de Dewey sobre a educação progressista (WESTBROOK, 1991).

A trajetória de John Dewey, desde sua formação acadêmica até suas contribuições como filósofo e educador, reflete uma dedicação inabalável à integração de teoria e prática. Suas obras, como *Democracy and Education* (1916) e *Experience and Nature* (1925), estabeleceram bases sólidas para o pragmatismo e moldaram práticas educacionais progressistas. Influenciado por pensadores como Hegel e Darwin, Dewey desenvolveu uma filosofia centrada na experiência, adaptação e reflexão crítica. Sua visão de uma educação democrática e experimental continua a influenciar a teoria e a prática educacional contemporânea.

### 2.3 PRINCÍPIOS CENTRAIS DO PRAGMATISMO DE DEWEY

A concepção de John Dewey acerca da relação cognitiva entre sujeito e objeto é profundamente enraizada em sua filosofia pragmatista. Para Dewey, o processo de conhecimento não é um ato isolado do sujeito que observa passivamente um objeto estático, mas sim uma interação dinâmica e contínua entre ambos. O conhecimento, para ele, surge da interação entre o sujeito (indivíduo) e o objeto (o mundo exterior), em um contexto onde o ambiente e a experiência influenciam o processo cognitivo. Dewey rejeita o dualismo cartesiano entre sujeito e objeto, enfatizando que a cognição é uma atividade mediada pela experiência prática do ser humano com o mundo (DEWEY, 1938b).

Dewey argumenta que a relação entre sujeito e objeto deve ser vista como uma transação, onde ambos estão interconectados e em constante transformação. O conhecimento, portanto, é um processo ativo e não uma simples representação da realidade exterior. Segundo Dewey, "a experiência não é uma relação de exterioridade entre dois termos fixos, mas um processo contínuo de interação entre o ser humano e seu ambiente" (DEWEY, 1938b, p. 20). Assim, a cognição emerge da experiência, que é entendida como o ponto de convergência entre a ação do sujeito sobre o objeto e as reações que essa ação provoca no objeto.

A experiência democrática, para Dewey, é uma extensão natural de sua concepção de experiência cognitiva. Ele defende que a democracia não é apenas uma forma de governo, mas uma forma de vida, caracterizada por um processo contínuo de interação e comunicação entre os indivíduos. Dewey (1916) argumenta que a democracia é uma forma de experiência social em que todos os membros de uma comunidade participam ativamente na construção das condições sociais e políticas

que afetam suas vidas. A participação ativa e a interação entre os membros da comunidade são fundamentais para a realização do potencial democrático, pois permitem que os indivíduos desenvolvam suas capacidades de julgamento e ação coletiva.

Na perspectiva de Dewey, a educação desempenha um papel crucial no desenvolvimento dessa experiência democrática. A educação, para ele, deve ser vista como um processo de crescimento contínuo, no qual os indivíduos são preparados para participar plenamente na vida social e política de sua comunidade. Dewey acredita que a educação não deve ser entendida como mera transmissão de conhecimento, mas como um meio de cultivar habilidades críticas e reflexivas nos indivíduos, preparando-os para o exercício da cidadania democrática (DEWEY, 1916). Ele afirma que "a educação é uma necessidade de vida, pois permite que os indivíduos se adaptem às mudanças do ambiente social e desenvolvam uma compreensão mais profunda das complexidades da vida em comunidade" (DEWEY, 1916, p. 17).

A concepção de educação de Dewey é, portanto, inseparável de sua visão de democracia. Para ele, a escola deve ser um espaço democrático, onde os alunos aprendam não apenas conteúdos formais, mas também como viver em uma sociedade plural e interdependente. A escola, nesse sentido, é uma comunidade de aprendizagem, onde as interações entre os alunos e entre os alunos e professores refletem os valores de cooperação e participação ativa que são essenciais para a democracia (DEWEY, 1916).

Dessa forma, Dewey concebe a relação entre sujeito e objeto no processo cognitivo como uma interação prática e experiencial, onde o conhecimento é construído ativamente. Sua visão de experiência democrática e educação está profundamente interligada, defendendo que a educação deve preparar os indivíduos para uma participação ativa e reflexiva na vida democrática, promovendo a interação e o crescimento contínuos.

Dewey considera a experiência como a interação entre o ser humano e seu ambiente. Para ele, a experiência não é meramente uma recepção passiva de impressões sensoriais, mas um processo ativo que envolve a reconstrução contínua da realidade. Em *Experience and Nature* (1925), Dewey afirma que "a experiência é o ponto de partida para a filosofia e que toda reflexão filosófica deve partir das condições concretas da vida cotidiana" (DEWEY, 1925, p.136).

Dewey rejeita a dicotomia entre sujeito e objeto, argumentando que “essa separação artificial obscurece a verdadeira natureza do conhecimento” (DEWEY, 1929, p.144). Em vez disso, ele propõe que o conhecimento surge da interação contínua e mútua entre o ser humano e o mundo. O significado e a verdade de uma ideia, portanto, são determinados pelas suas consequências práticas e pela capacidade de resolver problemas reais (DEWEY, 1929).

Para Dewey, a investigação é um processo de adaptação e ajuste. Em *The Quest for Certainty* (1929), ele critica a busca pela certeza absoluta, argumentando que “tal objetivo é inalcançável e contraproducente” (DEWEY, 1929, p.145). Em vez disso, Dewey propõe uma abordagem experimentalista, onde as ideias são testadas e revisadas continuamente com base em suas consequências práticas (DEWEY, 1929). Este método é essencialmente pragmático, enfatizando a importância da verificação empírica e da utilidade prática das teorias.

Dewey aplicou sua teoria da experiência diretamente à educação, defendendo uma pedagogia centrada no aluno e baseada na experiência prática. Em *Democracy and Education* (1916), ele argumenta que:

A educação deve preparar os indivíduos para a vida democrática, promovendo a participação ativa e crítica sendo a escola uma comunidade em miniatura onde os alunos podem aprender através da interação e da prática, desenvolvendo habilidades que são relevantes para a vida em sociedade (DEWEY, 1916, p.161).

Dewey incorporou a ideia darwiniana de adaptação e mudança contínua em sua epistemologia, vendo o conhecimento como um processo evolutivo que responde às demandas do ambiente (DEWEY, 1910). Além disso, as ideias de Hegel sobre dialética e desenvolvimento também influenciaram a concepção de Dewey sobre a reconstrução contínua da experiência (DEWEY, 1903).

A teoria de Dewey coloca a experiência no centro do conhecimento, propondo que a verdade e o significado das ideias são determinados por suas consequências práticas. Esta abordagem pragmática e experimentalista tem profundas implicações para a filosofia e a educação, sugerindo que o conhecimento deve ser continuamente testado e revisado à luz da experiência concreta.

Dewey também rejeitava a separação tradicional entre teoria e prática, defendendo que ambas são interdependentes e se enriquecem mutuamente. Sua

visão sobre essa relação é fundamental para compreender suas contribuições à filosofia, educação e democracia.

Para Dewey, a teoria é uma ferramenta que deve ser utilizada para resolver problemas práticos. Ele argumenta que “a teoria não é um conjunto de verdades abstratas e imutáveis, mas sim uma construção dinâmica que surge da interação com o mundo real” (DEWEY, 1938b, p.348). Em *Logic: The Theory of Inquiry*, Dewey propõe que a investigação teórica deve sempre começar a partir de situações problemáticas da vida cotidiana e que suas conclusões devem ser testadas e verificadas através da prática (DEWEY, 1938b).

Dewey vê a prática como a base da teoria. Em sua obra *Experience and Nature* (1925), ele sustenta que a experiência prática é a fonte primária do conhecimento e que a teoria deve emergir dessa experiência. Dewey critica a abordagem tradicional que separa o conhecimento teórico do mundo prático, argumentando que tal divisão é artificial e prejudicial (DEWEY, 1925). Segundo ele, a prática fornece o contexto e o material para a construção teórica, enquanto a teoria oferece um meio para interpretar e melhorar a prática.

Na educação, Dewey aplicou sua concepção da relação entre teoria e prática de maneira exemplar. Em *Democracy and Education* (1916), ele propõe que a educação deve ser um processo ativo e experimental, onde os alunos aprendem através da prática e da reflexão sobre suas experiências. Dewey argumenta que a educação deve preparar os indivíduos para a vida democrática, promovendo habilidades críticas e colaborativas (DEWEY, 1916). Ele defende um currículo que integra teoria e prática, permitindo aos alunos aplicar o conhecimento teórico em situações reais.

Westbrook (1991) observa que a ênfase de Dewey na prática é uma resposta à sua crítica do dualismo tradicional entre mente e corpo, teoria e prática. Westbrook argumenta que “Dewey vê a filosofia como uma atividade prática destinada a resolver problemas concretos” (WESTBROOK, 1991, p.86).

Richard Bernstein, em *Praxis and Action* (1971), mostra que Dewey rejeita a distinção cartesiana entre teoria e prática, propondo uma visão onde a prática é vista como uma forma de inteligência ativa. Bernstein aponta que, para Dewey, a prática informada pela teoria é essencial para a reconstrução e melhoria contínua das condições humanas (BERNSTEIN, 1971).

Dewey vê a prática como a fonte da teoria e a teoria como uma ferramenta para melhorar a prática, uma visão que tem implicações significativas para a educação e a filosofia. Através da integração entre teoria e prática, Dewey busca promover uma forma de vida democrática, crítica e colaborativa.

John Dewey, fez uma crítica contundente ao dualismo cartesiano, que separa mente e corpo, teoria e prática. Bernstein (1971) argumenta que para Dewey “essa divisão é artificial e prejudicial, por isso é preciso uma visão mais integrada da experiência humana” (BERNSTEIN, 1971, p.167). Sua crítica ao dualismo cartesiano é fundamental para entender sua filosofia e suas contribuições para a educação e a epistemologia.

René Descartes, filósofo francês do século XVII, é conhecido por sua separação rigorosa entre mente e corpo. Em seu *Meditationes de Prima Philosophia* (2016), Descartes argumenta que “a mente, uma substância pensante, é distinta do corpo, uma substância extensa” (DESCARTES, 2016, p.35). Este dualismo cartesiano estabeleceu uma dicotomia que influenciou profundamente a filosofia ocidental, levando a uma visão do conhecimento como algo que reside exclusivamente na mente, separado do mundo físico e das ações práticas (DESCARTES, 2016).

Dewey rejeita essa divisão, Bernstein (1971) argumenta que para Dewey “ela cria uma falsa dicotomia que obscurece a natureza da experiência humana” (BERNSTEIN, 1971, p.168). Em sua obra *Experience and Nature* (1925), Dewey sustenta que a experiência é uma interação contínua entre o organismo e seu ambiente. Para Dewey, mente e corpo não são entidades separadas, mas aspectos de uma única experiência integrada. Ele argumenta que “toda experiência envolve tanto o aspecto físico quanto o mental, e que essa integração é essencial para o conhecimento” (DEWEY, 1925, p.138).

O pragmatismo, corrente filosófica à qual Dewey pertence, enfatiza a importância da prática e das consequências práticas no processo de formação do conhecimento. Dewey argumenta “que o valor de uma ideia reside em sua capacidade de resolver problemas reais e produzir resultados concretos” (DEWEY, 1938b, p.347). Essa visão contrasta fortemente com a abordagem cartesiana, que busca certezas absolutas e conhecimento puramente teórico (DEWEY, 1938b).

Em *Logic: The Theory of Inquiry* (1938), Dewey desenvolve uma teoria da investigação que rejeita a busca cartesiana pela certeza. Ele propõe que o

conhecimento deve ser visto como um processo contínuo de investigação e ajuste, onde as hipóteses são testadas e revisadas à luz da experiência.

Westbrook (1991) observa que Dewey vê a separação entre mente e corpo como uma construção filosófica que não corresponde à realidade da experiência humana. Segundo Westbrook, Dewey argumenta que “essa separação leva a uma visão distorcida do conhecimento e impede a plena realização da democracia” (WESTBROOK, 1991, p.88).

Richard Bernstein, em *The Pragmatic Turn* (2010), aponta que Dewey busca superar o dualismo cartesiano através de uma filosofia que integra teoria e prática, mente e corpo. Bernstein (2010) destaca que, para Dewey, a experiência humana é uma unidade orgânica que deve ser compreendida em sua totalidade, e não através de divisões artificiais (BERNSTEIN, 2010).

A crítica de John Dewey ao dualismo cartesiano é central para sua filosofia. Rejeitando a separação entre mente e corpo, teoria e prática, Dewey propõe uma visão integrada da experiência humana. Sua abordagem pragmatista enfatiza a importância da prática e das consequências práticas no processo de formação do conhecimento, oferecendo uma alternativa dinâmica e adaptativa à busca cartesiana por certezas absolutas.

### 3 A ÉTICA PRAGMÁTICA DE JOHN DEWEY

John Dewey propôs uma abordagem ética que se afasta radicalmente das concepções tradicionais e absolutistas de moralidade. Sua ética pragmática é enraizada na crença de que a moralidade não consiste em um conjunto fixo de regras universais, mas sim em um processo contínuo de adaptação, reconstrução e crescimento (DEWEY, 1922). Para Dewey, os valores morais emergem das experiências concretas e das interações sociais, sendo inerentemente contextuais e moldados pelas circunstâncias específicas em que são aplicados.

Nesta seção, intitulada "A Ética Pragmática de John Dewey", exploraremos a profundidade e a amplitude da visão ética de Dewey através de três subtemas principais. Primeiramente, abordaremos os conceitos fundamentais da ética pragmática, onde destacaremos a centralidade da experiência, a importância da interação social e o papel crucial das consequências práticas das ações na formação dos juízos morais (DEWEY, 1929). Este enfoque revela como Dewey rompe com as tradições filosóficas que separam o pensar do agir e mostra a interdependência entre teoria e prática.

Em seguida, examinaremos como Dewey concebe a moralidade como um processo e uma construção social. Dewey argumenta que os valores e normas morais não são absolutos, mas são continuamente criados e recriados através da comunicação e da vida em comunidade (DEWEY; TUFTS, 1932). Nesta seção, discutiremos como a moralidade, segundo Dewey, é uma função da vida social e como a comunidade desempenha um papel vital na formação e no desenvolvimento dos valores éticos. Este ponto de vista desafia a noção de moralidade como algo dado ou estático e a apresenta como um fenômeno dinâmico e evolutivo.

Por fim, analisaremos as implicações da ética pragmática de Dewey para a educação moral e o desenvolvimento do caráter. Dewey acreditava que a educação deveria ir além da mera transmissão de conhecimentos acadêmicos, desempenhando um papel crucial na formação do caráter moral dos indivíduos (DEWEY, 1916). Discutiremos como a pedagogia de Dewey propõe um ambiente educacional que promova a reflexão crítica, a participação ativa e a capacidade dos alunos de lidar com problemas reais de maneira ética e eficaz. A educação, para Dewey, é um processo de vida, e a formação moral é uma parte integrante e essencial desse processo.

Ao longo desta seção, evidenciar-se-á como a abordagem pragmática de Dewey oferece uma perspectiva inovadora e prática sobre a ética, que continua a ser relevante e influente no pensamento filosófico e educacional contemporâneo. Dewey não só reconfigura a compreensão da moralidade e da ética, mas também oferece ferramentas concretas para a aplicação prática desses conceitos na vida cotidiana e nas instituições sociais (DEWEY, 1938a).

### 3.1 CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA ÉTICA PRAGMÁTICA

John Dewey, um dos principais expoentes do pragmatismo americano, apresentou uma concepção ética profundamente vinculada à sua visão filosófica de experiência e interação. A moralidade, para Dewey, não pode ser separada do contexto social e das experiências individuais, e, nesse sentido, rejeita o caráter absoluto de princípios morais universais. A ética deweyana está enraizada em uma concepção funcional e prática da moral, onde os valores emergem da experiência vivida e se adaptam conforme as necessidades e desafios da vida cotidiana (DEWEY, 1922).

Para Dewey, a moralidade é essencialmente uma atividade prática e dinâmica, que surge das interações entre os indivíduos e seu meio ambiente social. Ela não é um sistema fixo de regras, mas um processo contínuo de adaptação e reconstrução de valores e princípios morais à luz das circunstâncias concretas. Nesse sentido, Dewey vê a moralidade como uma forma de resolver problemas práticos, e não como um conjunto de mandamentos absolutos que devem ser seguidos independentemente das consequências (DEWEY, 1922). A moralidade, portanto, envolve a ação deliberada que busca um equilíbrio entre os interesses pessoais e coletivos dentro de uma sociedade democrática.

O pragmatismo de Dewey rejeita qualquer noção de moralidade fundada em verdades absolutas ou preceitos eternos. Ao invés disso, ele propõe que os fundamentos éticos são derivados da experiência humana e devem ser vistos como ferramentas práticas para lidar com os problemas sociais e individuais. O processo moral envolve um ajuste contínuo entre o indivíduo e seu ambiente, onde as normas e valores são testados e reavaliados conforme surgem novas experiências e desafios (DEWEY, 1929). Para Dewey, a moralidade deve ser flexível e ajustável, sempre aberta a revisões baseadas nos resultados práticos de sua aplicação.

Dewey entende as normas e os princípios morais como guias provisórios que orientam a ação, mas que devem ser continuamente avaliados em função de suas consequências. As normas não são absolutas, mas expressões de julgamentos práticos sobre o que se acredita ser o melhor curso de ação em situações específicas (DEWEY, 1922). Os valores, por sua vez, são entendidos como resultados de uma interação entre o sujeito e o ambiente, e sua validade reside em sua capacidade de promover o bem-estar e resolver conflitos de forma satisfatória. Valores como justiça, equidade e cooperação são centrais na ética deweyana, mas devem ser interpretados à luz das condições concretas da vida social.

Para Dewey, discernir o que é ético não envolve apelar para normas externas ou absolutas, mas sim um processo reflexivo baseado na experiência prática. O julgamento moral, em sua visão, deve ser experimental e aberto à revisão contínua, onde os indivíduos devem considerar as possíveis consequências de suas ações para si mesmos e para os outros (DEWEY, 1930). O método de discernimento moral envolve a observação das situações problemáticas, a formulação de hipóteses sobre como resolvê-las, a experimentação com diferentes cursos de ação e, finalmente, a avaliação das consequências para determinar se os resultados foram moralmente satisfatórios.

Dewey enfatiza a importância da comunicação e da deliberação pública para o desenvolvimento moral. Ele vê a moralidade como um empreendimento coletivo, onde os indivíduos e grupos discutem e revisam seus valores e normas com base nas necessidades sociais em constante mudança (DEWEY, 1916). A ética, portanto, não é um processo isolado, mas uma prática social que se atualiza por meio da interação e da participação ativa em uma comunidade democrática. A atualização ética, para Dewey, ocorre quando os indivíduos e a sociedade como um todo estão abertos à crítica e dispostos a reformular seus princípios à medida que novas situações e problemas surgem.

A sociedade democrática, para Dewey, oferece o ambiente mais propício para o florescimento da ética, uma vez que promove a liberdade de pensamento e a participação ativa dos cidadãos no processo de tomada de decisões. Ele defende que a ética numa sociedade democrática deve ser colaborativa e experimental, onde os cidadãos têm a oportunidade de discutir e reformular as normas e valores que regem suas interações (DEWEY, 1916). Para Dewey, a ética democrática é uma ética viva, que se adapta e evolui conforme as circunstâncias sociais e políticas mudam. A

moralidade, portanto, está sempre em desenvolvimento e é construída por meio da participação ativa e crítica dos cidadãos no processo democrático.

Dewey acredita que a educação desempenha um papel crucial na formação de cidadãos capazes de discernir e agir eticamente em uma democracia. A escola, como uma "comunidade de aprendizagem", deve ser um espaço onde os alunos aprendam a cooperar, a refletir criticamente sobre seus valores e a participar ativamente na construção das normas e princípios que irão orientar suas vidas (DEWEY, 1916). Assim, a ética numa sociedade democrática é inseparável do processo educacional, onde os indivíduos são constantemente preparados para participar de maneira crítica e construtiva na vida social e política.

Para John Dewey, a ética está profundamente conectada ao processo de vida e à interação social. Em *Human Nature and Conduct* (1922), ele argumenta que "os impulsos humanos são moldados e dirigidos pelo contexto social, e que a moralidade surge da necessidade de coordenar ações e interesses individuais em um ambiente social" (DEWEY, 1922, p.251). Os valores, nesse sentido, são entendidos como padrões de comportamento e crenças que orientam as ações humanas em suas relações com os outros. Eles não são imutáveis ou transcendentais, mas produtos das interações sociais e do processo evolutivo das comunidades (DEWEY, 1922). A formação dos valores ocorre por meio da experiência compartilhada e da reflexão sobre as necessidades e desafios de cada momento histórico (DEWEY, 1930). Eles servem como guias para a convivência harmoniosa e para a promoção do bem-estar coletivo. Entre os valores mais importantes na ética deweyana estão a cooperação, a equidade, a justiça e a responsabilidade social, pois são esses que facilitam a coordenação dos interesses individuais e sociais em uma sociedade democrática (DEWEY, 1922; WESTBROOK, 1991).

A perspectiva de John Dewey sobre a ética, como uma disciplina evolutiva e experimental, se opõe à busca por fundamentos éticos absolutos e universais. Em *The Quest for Certainty* (1929), Dewey critica a tradição filosófica que busca princípios morais imutáveis e definitivos, como os postulados deontológicos ou as ideias de um bem universal, característicos de correntes como o kantismo e o utilitarismo clássico (DEWEY, 1929). Esses modelos tradicionais pressupõem que a moralidade se baseia em leis racionais ou naturais, como a noção de um "imperativo categórico" ou a maximização do bem-estar para o maior número possível de pessoas. Dewey rejeita essa perspectiva, argumentando que a vida humana é dinâmica e contingente, e,

portanto, os valores e normas éticas devem ser constantemente ajustados às novas circunstâncias e contextos. Ele propõe uma abordagem experimentalista, onde as normas e princípios são continuamente testados, avaliados e reformulados à luz da experiência prática e social, ao invés de se basearem em verdades fixas e universais (DEWEY, 1929).

A influência do darwinismo é evidente na ética de Dewey. Ele vê a moralidade como um processo evolutivo, onde os valores e normas são selecionados e refinados com base em sua capacidade de resolver problemas práticos e promover o bem-estar humano. Como Dewey coloca em *"Experience and Nature"* (1925), a evolução moral é um processo contínuo de ajuste e adaptação, similar ao processo evolutivo descrito por Darwin (DEWEY, 1925).

Richard Bernstein, em *"The Pragmatic Turn"* (2010), observa que Dewey rompe com a tradição filosófica que separa a ética da prática cotidiana. Bernstein argumenta que "Dewey vê a ética como uma forma de inteligência prática, que deve ser aplicada aos problemas reais da vida" (BERNSTEIN, 2010, p.202). Essa visão desafia a distinção cartesiana entre teoria e prática, propondo uma ética que é simultaneamente reflexiva e prática.

Westbrook (1991) também destaca a importância da abordagem evolutiva de Dewey para a ética. Ele aponta que, para Dewey, a moralidade é um processo social que se desenvolve através da comunicação e da interação. A ética, segundo Westbrook, é uma ferramenta para a resolução de conflitos e a promoção da cooperação social (WESTBROOK, 1991). Esta perspectiva enfatiza a natureza pragmática da ética de Dewey, onde o valor de uma norma moral é determinado por sua eficácia prática e suas consequências sociais.

O enfoque de Dewey na ética como uma disciplina experimental tem implicações significativas para a educação moral. Dewey acreditava que a educação deve ser um processo de vida, preparando os indivíduos para a participação ativa e crítica na sociedade. Em *"Democracy and Education"* (1916), ele argumenta que "a educação moral deve envolver os alunos em situações práticas onde eles possam aplicar e testar seus valores éticos" (DEWEY, 1916, p.159). Dewey propõe uma pedagogia centrada na experiência, onde a moralidade é desenvolvida através da reflexão crítica e da resolução de problemas reais.

A abordagem evolutiva e experimental de Dewey para a ética oferece uma visão dinâmica e adaptativa da moralidade, contrastando fortemente com as concepções tradicionais que buscam fundamentos universais e absolutos.

John Dewey, concebe a ética como intrinsecamente ligada à comunidade e à democracia. Para Dewey, a moralidade não é uma coleção de regras fixas, mas um processo dinâmico que evolui através da interação social e da participação democrática.

Dewey (1922) propõe que a moralidade deve ser vista como um processo de construção social (DEWEY, 1922). Em *"Human Nature and Conduct"* (1922), ele afirma que os hábitos e valores morais são formados através da interação social e que a ética deve ser entendida no contexto das relações comunitárias (DEWEY, 1922). Para Dewey, os indivíduos não são isolados; eles existem e desenvolvem suas capacidades morais dentro de uma rede de relações sociais. Assim, a comunidade é vista como o terreno onde a moralidade é cultivada e exercida.

A democracia, para Dewey, é mais do que um sistema político; é uma forma de vida que deve permear todas as esferas da sociedade, incluindo a ética. Em *Democracy and Education* (1916), Dewey argumenta que "a educação democrática é essencial para o desenvolvimento moral" (DEWEY, 1916, p.162). Ele sustenta que a participação ativa e igualitária em processos democráticos permite aos indivíduos desenvolverem um senso de responsabilidade e solidariedade, fundamentais para a ética (DEWEY, 1916). O que caracteriza essa forma de vida democrática é a contínua interação e comunicação entre os membros da sociedade, onde o diálogo e a cooperação substituem o autoritarismo e a imposição de normas morais rígidas. A vida democrática é marcada pela abertura ao debate, pela disposição em adaptar-se a novas ideias e pelo respeito à diversidade de perspectivas (DEWEY, 2016). Para Dewey, a democracia é um ambiente de aprendizado moral, onde os indivíduos se engajam em uma prática constante de julgamento e discernimento ético, ajustando suas ações de acordo com as consequências de suas escolhas na vida comunitária (DEWEY, 1916). Dessa forma, a democracia fornece o ambiente necessário para que os indivíduos experimentem e pratiquem valores morais em suas interações cotidianas, promovendo o desenvolvimento contínuo de uma ética baseada na participação coletiva e no bem comum.

A ética de Dewey enfatiza a importância da comunicação e da deliberação pública. Em *"The Public and Its Problems"* (1927), ele defende que a comunicação é

o meio através do qual os valores e normas morais são discutidos, negociados e reformulados. Dewey vê a deliberação democrática como um processo de investigação coletiva, onde os membros da comunidade trabalham juntos para resolver problemas éticos e sociais (DEWEY, 1927). Esta abordagem destaca a natureza colaborativa da moralidade e a necessidade de um espaço público aberto e inclusivo para a prática ética.

Richard Bernstein, em *The Pragmatic Turn* (2010), observa que Dewey propõe uma ética inseparável da vida comunitária e democrática. Bernstein argumenta que, para Dewey, “a democracia é a expressão mais elevada da ética, pois promove a participação, a comunicação e a cooperação” (BERNSTEIN, 2010, p.203). Esta visão contrasta fortemente com abordagens éticas que veem a moralidade como um conjunto de princípios universais aplicáveis independentemente do contexto social. Um exemplo claro dessas abordagens universais é a ética deontológica de Immanuel Kant, que sustenta que a moralidade deve ser regida por princípios racionais universais, como o imperativo categórico, que exige que as ações sejam realizadas segundo regras que possam ser universalmente aplicáveis, independentemente das circunstâncias ou dos efeitos (KANT, 1997). Para Kant, a moralidade reside no cumprimento do dever, independentemente dos resultados ou das condições sociais, e as ações morais devem ser realizadas porque são intrinsecamente corretas, não por razões pragmáticas. Outro exemplo é o utilitarismo clássico de Jeremy Bentham e John Stuart Mill, que postula que a moralidade é definida pela maximização do bem-estar para o maior número de pessoas possível. Embora o utilitarismo leve em consideração as consequências das ações, ele mantém um princípio universal: a busca pelo maior bem para a maioria, o que pode levar a decisões que, em contextos específicos, desconsideram as particularidades individuais ou comunitárias em prol de um cálculo utilitário (BENTHAM, 1789; MILL, 1863). Essas abordagens se distinguem da proposta de Dewey, que rejeita a imposição de princípios universais imutáveis e defende uma ética adaptada à vida social concreta, onde os valores e as normas devem ser avaliados e modificados de acordo com os resultados que promovem na comunidade e na experiência democrática (BERNSTEIN, 2010).

Westbrook (1991) também destaca a centralidade da comunidade e da democracia na ética de Dewey. Ele aponta que Dewey vê a democracia como um modo de vida que envolve a participação ativa em processos sociais e políticos. Para Dewey, a democracia não é apenas um mecanismo de governança, mas uma forma

de organizar a vida social que promove o desenvolvimento moral e a realização pessoal (WESTBROOK, 1991). Esta perspectiva sublinha a interdependência entre a ética e as práticas democráticas, sugerindo que a moralidade floresce em contextos onde a comunicação e a deliberação são valorizadas. A democracia organiza a vida social ao criar um ambiente onde a comunicação aberta, o diálogo constante e a deliberação coletiva são princípios fundamentais. Em vez de ser um sistema estático, a democracia é um processo dinâmico, no qual os indivíduos têm a oportunidade de interagir, trocar ideias e cooperar na resolução de problemas sociais (DEWEY, 1916). Através dessa interação contínua, as pessoas são desafiadas a refletir sobre suas ações, a considerar as necessidades dos outros e a ajustar suas próprias práticas em direção ao bem comum. Para Dewey (1916), esse contexto de troca mútua e de experiências compartilhadas é o que permite o florescimento da moralidade. Além disso, a democracia oferece o espaço necessário para que os indivíduos desenvolvam suas capacidades pessoais, exercitem sua autonomia e realizem seu potencial ético. Ao participar ativamente dos processos democráticos, as pessoas não só aprendem a julgar de maneira crítica, mas também a agir de maneira responsável, assumindo um papel ativo na construção de uma sociedade mais justa. Dessa forma, a democracia não apenas sustenta o desenvolvimento moral, mas também fomenta a realização pessoal, pois permite que os indivíduos se sintam parte integral da comunidade, colaborando para o bem-estar coletivo (DEWEY, 1916).

A concepção de Dewey sobre a ética, comunidade e democracia tem implicações profundas para a educação moral. Dewey acredita que a escola deve ser uma comunidade democrática em miniatura, onde os alunos aprendem a viver e trabalhar juntos de maneira cooperativa e ética. Em *"Democracy and Education"* (1916), ele propõe que a educação moral deve envolver os alunos em experiências práticas que refletem os processos democráticos, permitindo-lhes desenvolver um senso de responsabilidade social e justiça (DEWEY, 1916). Dewey vê a educação como um meio para promover valores democráticos e éticos, preparando os indivíduos para participar plenamente na vida comunitária.

A abordagem de Dewey à ética, centrada na comunidade e na democracia, oferece uma visão dinâmica e contextual da moralidade. Ele propõe que a moralidade deve ser continuamente adaptada e reformulada através da interação social e da deliberação democrática. Esta visão enfatiza a importância da participação ativa e da

comunicação na formação de valores morais, sugerindo que a ética é, em última análise, uma prática comunitária e democrática.

### 3.2 A MORALIDADE COMO PROCESSO E CONSTRUÇÃO SOCIAL

Dewey propõe que “a moralidade deve ser entendida como um processo contínuo de reconstrução” (DEWEY, 1922). Em *Human Nature and Conduct* (1922), ele sustenta que os hábitos morais e os valores são formados e reformados através das interações sociais e das experiências cotidianas (DEWEY, 1922). Para Dewey, a moralidade está intrinsecamente ligada às condições de vida e às necessidades humanas em constante mudança. Ele enfatiza que as normas morais devem ser flexíveis e adaptáveis, permitindo ajustes conforme novos problemas e contextos surgem. A moralidade, para Dewey, consiste em um processo experimental e prático. Ao contrário de abordagens que veem a moral como um conjunto fixo de regras, Dewey defende que a moralidade deve ser vista como um esforço constante de adaptação às circunstâncias sociais e individuais. Isso implica uma contínua reavaliação dos valores e normas à luz de novas experiências, desafios e condições de vida. Dewey argumenta que a moralidade envolve a solução de problemas éticos práticos e que sua função central é facilitar a convivência harmônica entre os indivíduos em um ambiente social dinâmico. Segundo ele, “a moralidade é um processo de resolver dificuldades sociais e individuais, onde a deliberação e a experimentação desempenham um papel crucial” (DEWEY, 1922, p. 182). Assim, ela deve ser flexível o suficiente para acomodar a diversidade de situações e os diferentes contextos em que as pessoas vivem.

Uma característica central da visão de Dewey é a rejeição da dicotomia entre o ideal e o real. Em *Ethics* (1932), co-escrito com James Hayden Tufts, Dewey afirma que os ideais morais não são abstrações distantes, mas devem ser aplicáveis e relevantes para a vida prática (DEWEY; TUFTS, 1932). Ele defende que a moralidade deve ser pragmática, orientada pela resolução de problemas concretos e pela melhoria das condições humanas. Essa abordagem prática e situacional da ética contrasta com teorias morais que buscam princípios universais e imutáveis.

A moralidade, para Dewey, é também um processo social e democrático. Em *The Public and Its Problems* (1927), Dewey argumenta que “a deliberação pública e a participação democrática são cruciais para o desenvolvimento moral” (DEWEY, 1927,

p.175). Ele vê a ética como um empreendimento coletivo, onde os indivíduos colaboram para definir e redefinir os valores e normas morais. A moralidade, nesse sentido, é um processo de negociação e reconstrução contínua, refletindo as mudanças nas condições sociais e nos conhecimentos.

Para John Dewey, a moralidade não é uma coleção fixa de regras, mas uma construção dinâmica que emerge das interações do indivíduo com seu contexto social e cultural. Em *Democracia e Educação*, Dewey destaca que a moral se desenvolve como uma habilidade prática e social, baseada na cooperação, na empatia e na reflexão crítica. Ele vê a moralidade como algo moldado pela experiência e pela convivência, não por regras impostas externamente (DEWEY, 1916).

No ambiente escolar, Dewey exemplifica esse desenvolvimento moral, mostrando que, ao interagir com a diversidade de ideias e backgrounds culturais, os alunos aprendem a negociar, respeitar e colaborar uns com os outros. Esse processo de convivência permite que a moralidade se forme naturalmente, incentivando a prática de comportamentos éticos (DEWEY, 1916).

Expandindo para o governo de um país, Dewey argumenta que a moralidade governamental deve ser igualmente orientada para o bem comum, promovendo a participação cidadã e uma cultura de cooperação. Para ele, um governo moralmente guiado fomenta a deliberação pública e consulta com a população em suas decisões políticas, como no caso das políticas de saúde pública, onde o governo ouve as necessidades da população e promove o diálogo inclusivo para decisões mais éticas e representativas (DEWEY, 1916).

Steven Fesmire, em *John Dewey and Moral Imagination* (2003), destaca que a imaginação moral é central para a ética de Dewey. Fesmire argumenta que “a capacidade de imaginar diferentes possibilidades e consequências é essencial para a adaptação moral em um mundo em mudança” (FESMIRE, 2003, p.52). A imaginação moral permite aos indivíduos e comunidades antecipar os impactos de suas ações e ajustar suas normas e práticas em resposta a novas circunstâncias.

Jennifer Welchman, em *Dewey's Ethical Thought* (1995), enfatiza a importância da experiência e da experimentação na ética de Dewey. Welchman aponta que Dewey vê a moralidade como um processo experimental, onde as normas são testadas e revisadas com base em suas consequências práticas (WELCHMAN, 1995). As consequências desejáveis, de acordo com Dewey, são aquelas que promovem o bem-estar coletivo, a harmonia social e o crescimento pessoal. Ele considera que as

normas morais devem ser avaliadas pela sua capacidade de gerar resultados que atendam às necessidades humanas e que favoreçam a cooperação e o desenvolvimento da comunidade. A moralidade, para Dewey, consiste não apenas em seguir regras predefinidas, mas em adotar uma postura reflexiva e flexível diante dos desafios éticos, visando sempre a solução de problemas concretos e a melhoria das condições de vida. Como Welchman aponta, a experimentação moral permite ajustes contínuos, adaptando os valores e normas às circunstâncias em mudança, sempre com o objetivo de alcançar resultados benéficos para os indivíduos e a sociedade como um todo (WELCHMAN, 1995).

Além disso, Phillip Kitcher, em *The Ethical Project* (2011), explora a ideia de Dewey de que a moralidade é um projeto evolutivo e coletivo. Kitcher argumenta que “a ética de Dewey oferece uma visão robusta da moralidade como um processo de construção social, onde os valores morais são continuamente negociados e reformulados em resposta às mudanças sociais e culturais” (KITCHER, 2011, p.327). Ele sugere que a abordagem de Dewey à ética é particularmente relevante em um mundo globalizado e pluralista, onde diferentes comunidades precisam colaborar para resolver problemas comuns.

A moralidade em constante transformação proposta por Dewey oferece uma visão dinâmica e prática da ética. Rejeitando a busca por princípios morais fixos e universais, Dewey e Tufts (1932) enfatiza a importância da flexibilidade, da adaptação e da experimentação moral. Sua visão destaca a natureza social e democrática da moralidade, sugerindo que os valores morais são construídos e reconstruídos através da interação contínua e da deliberação pública. (DEWEY; TUFTS, 1932)

John Dewey, argumentava que “a moralidade não pode ser entendida de maneira abstrata e desvinculada das condições concretas da vida” (DEWEY; TUFTS, 1932, p.71). Para Dewey e Tufts, as decisões éticas devem ser tomadas considerando-se as circunstâncias específicas e as consequências práticas de cada ação.

Dewey rejeitava a noção de princípios morais absolutos e universais, que ele via como inadequados para lidar com a complexidade da experiência humana. Em *Ethics* (1932), Dewey propõe que a moralidade deve ser flexível e adaptativa, respondendo às demandas do ambiente social e natural (DEWEY; TUFTS, 1932). Ele argumenta que “os valores morais são formados e reformados através da interação

com o contexto, enfatizando a importância de uma abordagem situacional para a ética” (DEWEY; TUFTS, 1932, p.72).

A visão de Dewey sobre a ética é profundamente influenciada pelo seu pragmatismo, que considera a experiência como o ponto de partida para o pensamento filosófico. Em *Human Nature and Conduct* (1922), Dewey afirma que as ações humanas são moldadas pelos hábitos, que por sua vez são influenciados pelo ambiente social e físico (DEWEY, 1922). Assim, as decisões éticas devem levar em conta o contexto em que ocorrem, reconhecendo que a moralidade é um processo dinâmico e contextual.

Steven Fesmire, em *John Dewey and Moral Imagination* (2003), destaca que Dewey vê a imaginação moral como essencial para a tomada de decisões éticas situadas. Fesmire argumenta que “a capacidade de imaginar diferentes possibilidades e consequências é crucial para a adaptação moral em um mundo em mudança” (FESMIRE, 2003, p.53). A imaginação moral permite que os indivíduos considerem o impacto de suas ações em contextos específicos, facilitando decisões éticas que são sensíveis às circunstâncias.

Richard Shusterman, em *Practicing Philosophy: Pragmatism and the Philosophical Life* (1997), observa que Dewey vê a filosofia moral como uma atividade prática que deve ser aplicada a problemas concretos. Shusterman argumenta que, para Dewey, “a ética deve ser vista como uma prática que evolui através da experiência e da reflexão sobre situações particulares” (SHUSTERMAN, 1997, p.203). Essa perspectiva prática e contextual da ética reflete a rejeição de Dewey às abordagens teóricas que abstraem a moralidade das realidades vividas.

Charlene Haddock Seigfried, em *Pragmatism and Feminism: Reweaving the Social Fabric* (1996), destaca a relevância do pragmatismo de Dewey para as questões de justiça social e ética aplicada. Seigfried argumenta que “a ênfase de Dewey no contexto e na experiência prática oferece uma abordagem ética que é sensível às questões de diversidade e desigualdade social” (SEIGFRIED, 1996, p.271). Ela sugere que a perspectiva contextual de Dewey é particularmente útil para abordar problemas éticos complexos em uma sociedade pluralista.

A ética contextual de Dewey também tem implicações importantes para a educação moral. Em *Democracy and Education* (1916), Dewey propõe que a educação deve preparar os indivíduos para a vida democrática, promovendo a capacidade de tomar decisões éticas informadas e sensíveis ao contexto (DEWEY,

1916). Ele defende um currículo que integra a teoria e a prática, permitindo que os alunos apliquem princípios morais em situações concretas e desenvolvam um julgamento ético crítico e adaptativo.

A ênfase de Dewey no contexto nas decisões éticas representa uma abordagem inovadora e prática da moralidade. Rejeitando princípios morais universais e abstratos, Dewey propõe uma ética que é flexível e responsiva às circunstâncias específicas. Essa perspectiva pragmatista valoriza a imaginação moral e a reflexão crítica, permitindo que os indivíduos adaptem suas ações aos contextos em que vivem.

### 3.3 A EDUCAÇÃO MORAL E O DESENVOLVIMENTO DO CARÁTER

John Dewey, enfatizou a importância central da educação na formação ética dos indivíduos. Para Dewey (1916), a educação não é apenas um meio de transmissão de conhecimento acadêmico, mas um processo fundamental para o desenvolvimento moral e ético. Ele acreditava que a educação deveria preparar os indivíduos para a participação ativa e responsável na sociedade, promovendo a capacidade de julgamento crítico e a ação ética.

Dewey vê a experiência como um elemento central na educação moral. Ele propõe que a moralidade não pode ser ensinada de maneira abstrata e desconectada da vida cotidiana (DEWEY; TUFTS, 1932). Em *Experience and Education* (1938), Dewey sustenta que a aprendizagem deve ser baseada na experiência prática e na reflexão sobre essa experiência. Ele propõe que os alunos devem ser envolvidos em atividades que tenham significado real para eles, permitindo que desenvolvam um senso de responsabilidade e um entendimento profundo das implicações éticas de suas ações (DEWEY, 1938a).

Nel Noddings, em seu livro *Caring: A Feminine Approach to Ethics and Moral Education* (1984), destaca a influência de Dewey em sua própria abordagem pedagógica. Noddings argumenta que:

A ênfase de Dewey na experiência e na interação social é fundamental para a educação moral, visto que ela deve promover o cuidado e a empatia, valores que são desenvolvidos através de relações interpessoais significativas e experiências compartilhadas (NODDINGS, 1984, p.180).

Para Dewey, o desenvolvimento do caráter é uma parte integral da educação. Ele acredita que o caráter moral é formado através da prática e da participação em atividades sociais que exigem cooperação e responsabilidade. Em *Moral Principles in Education* (1909), Dewey afirma que a escola deve proporcionar um ambiente onde os alunos possam exercer e desenvolver virtudes como honestidade, justiça e respeito. Ele argumenta que “essas virtudes são cultivadas através da prática repetida e da reflexão crítica sobre as próprias ações” (DEWEY, 1909, p.27).

Richard Bernstein, em *The Pragmatic Turn* (2010), destaca a abordagem pragmática de Dewey à educação moral. Bernstein (2010) observa que Dewey vê a moralidade como um processo dinâmico e contínuo, que deve ser constantemente revisado e ajustado à luz da experiência e das novas circunstâncias. Segundo Bernstein (2010), a educação desempenha um papel crucial nesse processo, fornecendo aos indivíduos as ferramentas necessárias para avaliar criticamente suas próprias crenças e ações, e para adaptar-se às demandas éticas de um mundo em constante mudança (BERNSTEIN, 2010).

Charlene Haddock Seigfried, em *Pragmatism and Feminism: Reweaving the Social Fabric* (1996), argumenta que:

A ênfase de Dewey na educação como um processo social e experimental é especialmente relevante para questões de justiça social e ética aplicada e elas ajudam a promover uma educação que seja inclusiva e sensível às necessidades e experiências de todos os estudantes, contribuindo para a formação de uma sociedade mais justa e equitativa (SEIGFRIED, 1996, p.272).

A perspectiva de Dewey sobre a educação moral enfatiza a importância do contexto social e da experiência prática no desenvolvimento ético. Ele vê a escola como um microcosmo da sociedade, onde os alunos aprendem a interagir de maneira ética e responsável. Através de um currículo que integra teoria e prática, Dewey acredita que a educação pode formar cidadãos críticos e comprometidos com a justiça e a democracia.

John Dewey, é amplamente reconhecido como um dos principais defensores da pedagogia progressista. Suas ideias sobre educação revolucionaram as práticas pedagógicas e continuam impactando o ensino contemporâneo. A pedagogia progressista de Dewey enfatiza a importância da experiência, da interação social e do

desenvolvimento integral do aluno, defendendo uma abordagem centrada no estudante que contrasta fortemente com os métodos tradicionais de ensino.

Em sua obra seminal *Democracy and Education* (1916), Dewey propõe que a educação deve ser entendida como um processo social que prepara os indivíduos para a participação ativa na vida democrática (DEWEY, 1916). Ele sustenta que a escola deve funcionar como uma comunidade em miniatura, onde os estudantes aprendem a importância da cooperação, da responsabilidade social e da resolução de problemas de maneira colaborativa (DEWEY, 1916). Para Dewey, a educação não é apenas a transmissão de conhecimentos pré-estabelecidos, mas um meio para o desenvolvimento do pensamento crítico e da capacidade de adaptação às mudanças sociais.

Dewey critica os métodos tradicionais de ensino, que ele considera autoritários e passivos. Em *Experience and Education* (1938), Dewey destaca que a educação deve ser baseada na experiência ativa dos alunos. Ele propõe que o aprendizado deve ser um processo dinâmico e contínuo, onde os alunos são incentivados a explorar, questionar e experimentar. Dewey acredita que a educação deve estar ligada à vida real e aos interesses dos estudantes, proporcionando um ambiente onde eles possam aplicar o conhecimento de maneira prática e significativa (DEWEY, 1938a).

Além disso, Alfie Kohn, em *The Schools Our Children Deserve* (1999), elogia a abordagem progressista de Dewey e critica os métodos tradicionais de ensino baseados em testes padronizados e memorização. Kohn argumenta que

A educação deve ser orientada para o desenvolvimento do pensamento crítico e da criatividade, alinhando-se às ideias de Dewey sobre um aprendizado ativo e centrado no aluno, pois isso incentiva os alunos a se tornarem pensadores independentes e cidadãos engajados (KOHN, 1999, p.295).

Richard Bernstein, em *The Pragmatic Turn* (2010), destaca a importância da pedagogia progressista de Dewey na promoção de uma sociedade democrática. Bernstein argumenta que “Dewey vê a educação como uma ferramenta para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa, onde os indivíduos são capazes de pensar criticamente e participar ativamente dos processos democráticos” (BERNSTEIN, 2010, p.204). Ele enfatiza que a pedagogia progressista de Dewey é essencial para a formação de cidadãos comprometidos com a justiça social (BERNSTEIN, 2010).

John Dewey também sublinha a importância da integração entre teoria e prática na educação. Em *How We Think* (1910), Dewey discute a necessidade de uma abordagem reflexiva, onde os alunos são incentivados a refletir sobre suas experiências e a aplicar o conhecimento teórico em situações práticas. Ele argumenta que “a aprendizagem verdadeira ocorre quando os alunos são capazes de conectar conceitos abstratos com experiências concretas, promovendo um entendimento mais profundo e duradouro” (DEWEY, 1910, p.199).

A pedagogia progressista de Dewey tem implicações significativas para a prática educacional contemporânea. Sua ênfase na experiência ativa, na interação social e no desenvolvimento integral do aluno continua a influenciar teorias e práticas educacionais. Dewey propõe uma visão de educação que vai além da sala de aula, envolvendo a comunidade e a sociedade como um todo. Ele vê a educação como um processo contínuo de crescimento e adaptação, onde os indivíduos são preparados para enfrentar os desafios de um mundo em constante mudança.

## 4 APLICAÇÕES E IMPACTOS DA ÉTICA PRAGMATISTA

A ética pragmatista, conforme elaborada por Dewey, propõe uma abordagem dinâmica e evolutiva da moralidade, focada na adaptação contínua às circunstâncias e nas consequências práticas das ações. Esta seção, intitulada "Aplicações e Impactos da Ética Pragmatista", examina como os princípios éticos pragmatistas de Dewey são aplicados em diversas áreas e os impactos resultantes dessas aplicações. Dividido em três subtemas, o capítulo busca explorar a abrangência e a relevância da ética pragmatista no mundo contemporâneo.

Primeiramente, em "A Ética de Dewey na Educação", analisaremos como os conceitos éticos de Dewey influenciam a prática educacional. Dewey vê a educação como um processo fundamental para o desenvolvimento moral, defendendo que as instituições educacionais devem promover a reflexão crítica e a participação ativa dos estudantes em uma comunidade democrática. Exploraremos como essas ideias se traduzem em metodologias pedagógicas que valorizam a experiência, a interação social e a resolução de problemas, moldando cidadãos comprometidos com a justiça social e a democracia.

Em seguida, o subtema "A Ética Pragmática e Política" discute a aplicação dos princípios pragmatistas no campo político. Dewey acredita que a ética não pode ser separada da vida pública e que a moralidade deve ser orientada para a promoção do bem-estar coletivo. Analisaremos como a ética pragmatista pode informar políticas públicas e práticas governamentais, enfatizando a importância da participação cidadã, do debate público e da flexibilidade nas decisões políticas. A perspectiva de Dewey sobre a democracia como um modo de vida e não apenas um sistema de governo será um ponto central nesta discussão.

Por fim, o subtema "Desafios e Críticas à Ética Pragmatista" aborda as limitações e as objeções levantadas contra a abordagem pragmatista da ética. Críticos argumentam que a ênfase excessiva nas consequências práticas pode levar a um relativismo moral, onde os princípios éticos são constantemente ajustados de acordo com as circunstâncias. Outros questionam a viabilidade de aplicar uma ética tão flexível em contextos que requerem normas e regras mais rígidas. Discutiremos essas críticas, bem como as respostas fornecidas pelos defensores do pragmatismo, destacando os desafios que a ética pragmatista enfrenta na sua aplicação prática.

Esta seção busca fornecer uma compreensão aprofundada da ética pragmatista de John Dewey, destacando suas aplicações em áreas cruciais como a educação e a política, bem como os desafios inerentes a essa abordagem filosófica.

#### 4.1 A ÉTICA DE DEWEY NA EDUCAÇÃO

John Dewey, propôs uma abordagem educacional baseada no pragmatismo, que enfatiza a importância da experiência e da interação social no processo de aprendizagem. Dewey acreditava que a educação deveria preparar os indivíduos para a vida democrática e para a resolução de problemas práticos, valorizando a experiência ativa e a participação comunitária (DEWEY, 1916). Esta visão continua a impactar a educação moderna, sendo aplicada de diversas maneiras em sistemas educacionais contemporâneos.

Dewey defendia que a escola deve ser um microcosmo da sociedade democrática, onde os alunos aprendem a cooperar e a participar ativamente da vida comunitária. Em seu livro *"Democracy and Education"*, Dewey argumenta que "a educação deve ser um processo de vida e não uma preparação para a vida futura" (DEWEY, 1916, p.162). Ele enfatiza que os alunos devem ser incentivados a pensar criticamente e a resolver problemas reais, em vez de simplesmente memorizar informações (DEWEY, 1916). Esta abordagem tem sido adotada em várias práticas educacionais modernas, como o ensino baseado em projetos e a aprendizagem colaborativa. O ensino baseado em projetos PBL (Project-Based Learning)<sup>1</sup> é uma

---

<sup>1</sup> A Aprendizagem Baseada em Projetos (PBL) é uma abordagem educacional que coloca os alunos no centro do processo de aprendizagem, desafiando-os a resolver problemas complexos através de projetos significativos. Em vez de apenas absorverem conhecimento por meio de aulas tradicionais, os alunos envolvidos em PBL exploram temas em profundidade, colaboram em equipe e aplicam o que aprendem para criar soluções concretas. Essa metodologia não só desenvolve habilidades acadêmicas essenciais, como pesquisa e análise crítica, mas também promove competências fundamentais para a vida, como trabalho em equipe, criatividade e autonomia. A PBL é valorizada por sua capacidade de preparar os alunos para enfrentar desafios do mundo real e para se adaptarem a um ambiente em constante mudança, refletindo princípios educacionais contemporâneos que enfatizam a aprendizagem ativa e significativa. É importante destacar a diferença entre a *Project Based Learning* (Aprendizagem Baseada em Projetos - PBL) e a *Problem Based Learning* (Aprendizagem Baseada em Problemas - PBL), que são frequentemente confundidas, mas possuem abordagens distintas. Na *Problem Based Learning*, o foco está em resolver um problema específico e aberto, geralmente mais centrado em processos investigativos e de pesquisa, onde os alunos trabalham para encontrar uma solução para um desafio predefinido. Por outro lado, na *Project Based Learning*, o objetivo é a realização de um projeto mais amplo, que pode incluir a resolução de vários problemas interligados, e que culmina em um produto final tangível ou apresentação. Enquanto a *Problem Based Learning* é mais focada em processos investigativos e resolução de problemas pontuais, a *Project Based Learning* envolve um escopo mais abrangente, no qual os alunos criam, desenvolvem e apresentam um projeto completo, trabalhando de maneira mais expansiva. Ambas as metodologias incentivam a aprendizagem ativa e o

metodologia que reflete diretamente os princípios de Dewey. No PBL, os alunos trabalham em projetos que são relevantes para suas vidas e interesses, permitindo-lhes aplicar o conhecimento teórico em contextos práticos. Thomas (2000) observa que o PBL promove habilidades como a resolução de problemas, a colaboração e a autonomia, todas centrais à filosofia educacional de Dewey. Ao envolver os alunos em projetos autênticos, o PBL cria oportunidades para a aprendizagem ativa e significativa (THOMAS, 2000).

A aprendizagem colaborativa é outra aplicação dos princípios de Dewey na educação moderna. Nesta abordagem, os alunos trabalham juntos em grupos para resolver problemas e completar tarefas, o que reflete a ênfase de Dewey na interação social como um componente essencial da educação. Johnson e Johnson (1999) destacam que a aprendizagem colaborativa não só melhora o desempenho acadêmico, mas também desenvolve habilidades sociais e promove atitudes positivas em relação à aprendizagem e à cooperação (JOHNSON; JOHNSON, 1999).

A implementação das ideias de Dewey também é evidente na educação inclusiva. Dewey acreditava que:

A educação deve ser acessível a todos, independentemente de suas diferenças individuais, a diversidade nas salas de aula enriquece a experiência educacional e prepara os alunos para a vida em uma sociedade pluralista (DEWEY, 1916, p.163).

A educação inclusiva, que busca integrar alunos com necessidades especiais nas salas de aula regulares, reflete este princípio. De acordo com Booth e Ainscow (2002), a inclusão escolar promove a igualdade de oportunidades e desafia preconceitos, alinhando-se com a visão democrática de Dewey (BOOTH; AINSCOW, 2002).

Os princípios de Dewey também influenciam a avaliação educacional moderna. Dewey criticava os métodos tradicionais de avaliação, que ele via como restritivos e inadequados para capturar a verdadeira aprendizagem. Em vez disso, ele defendia uma avaliação contínua e formativa, que proporciona feedback constante aos alunos e orienta o processo de ensino-aprendizagem (DEWEY, 1938a). Black e Wiliam em

---

desenvolvimento de habilidades críticas, mas a diferença fundamental está no tipo de tarefa e no produto final gerado pelos alunos.

*Assessment and classroom learning* (1998) argumentam que “a avaliação formativa melhora a aprendizagem ao envolver os alunos no processo de avaliação, promovendo a auto-reflexão e a responsabilidade pelo próprio aprendizado” (BLACK; WILIAM, 1998, p.12).

Apesar das suas contribuições, a implementação das ideias de Dewey enfrenta desafios. Críticos, como E.D. Hirsch, defende em *The Schools We Need: And Why We Don't Have Them* (1996) que a ênfase excessiva na experiência e na aprendizagem ativa pode negligenciar a importância do conhecimento factual e da instrução direta (HIRSCH, 1996). No entanto, defensores como Nel Noddings (2013) respondem que a abordagem de Dewey não exclui a instrução direta, mas a integra em um contexto mais amplo de aprendizagem experiencial e significativa (NODDINGS, 2013).

Uma das primeiras implementações das teorias de Dewey ocorreu na Escola Laboratório da Universidade de Chicago, fundada em 1896. Neste ambiente, Dewey pôde experimentar suas ideias sobre educação progressiva, promovendo um currículo baseado em atividades práticas e projetos colaborativos. Os alunos eram encorajados a resolver problemas reais e a trabalhar em grupo, desenvolvendo habilidades críticas e sociais (MAYHEW; EDWARDS, 1965).

Outro exemplo significativo é o uso das ideias de Dewey no movimento de Educação Progressista nos Estados Unidos durante o início do século XX. Este movimento, influenciado pelas teorias de Dewey, promoveu a inclusão de atividades manuais, artes e projetos na educação formal. As escolas progressistas enfatizavam a aprendizagem ativa e a adaptação do currículo às necessidades e interesses dos alunos (CREMIN, 1961).

No contexto contemporâneo, a abordagem pedagógica conhecida como Aprendizagem Baseada em Projetos (PBL) reflete diretamente os princípios de Dewey. PBL envolve os alunos em projetos de longo prazo que exigem investigação, solução de problemas e aplicação prática do conhecimento. Esta metodologia tem sido amplamente adotada em escolas e universidades ao redor do mundo, demonstrando sua eficácia em promover uma aprendizagem mais profunda e significativa (THOMAS, 2000).

Em um estudo de caso realizado por Barron (1998), uma escola secundária nos Estados Unidos implementou a PBL em seu currículo de ciências. Os alunos trabalharam em projetos que exigiam a aplicação de conceitos científicos a problemas

do mundo real, como a análise da qualidade da água em suas comunidades. Os resultados mostraram que os alunos não apenas melhoraram seu entendimento dos conceitos científicos, mas também desenvolveram habilidades de investigação e colaboração.

Além disso, a Escola Reggio Emilia na Itália é um exemplo notável de aplicação das ideias de Dewey. Esta abordagem educacional, desenvolvida por Loris Malaguzzi após a Segunda Guerra Mundial, é baseada na crença de que as crianças são protagonistas ativas no processo de aprendizagem. A escola enfatiza a importância da exploração, da expressão criativa e do trabalho em projetos, alinhando-se com a visão de Dewey de uma educação centrada na experiência (EDWARDS, 1998).

Para comentar as influências de Dewey em contextos educativos modernos, Gary Fenstermacher em *John Dewey and the future of education* (2001) destaca que as escolas que adotam métodos inspirados por Dewey geralmente mostram um ambiente de aprendizado mais dinâmico e participativo. Ele argumenta que “tais ambientes não só melhoram o engajamento dos alunos, mas também preparam-nos melhor para enfrentar os desafios do mundo real” (FENSTERMACHER, 2001, p.146).

Os princípios educacionais de John Dewey têm sido aplicados em diversas formas ao longo do tempo, desde a Escola Laboratório até metodologias contemporâneas como a Aprendizagem Baseada em Projetos. Estes casos ilustram a eficácia e a relevância contínua de suas ideias na educação moderna, demonstrando que uma abordagem centrada na experiência e na participação ativa pode enriquecer o processo de aprendizagem e preparar melhor os alunos para a vida em sociedade. Para Dewey, a pedagogia está intrinsecamente ligada à ética, uma vez que a educação deve ser entendida como um processo social, em que o indivíduo é formado em interação constante com seu ambiente, aprendendo a agir de forma cooperativa e reflexiva. Dewey acreditava que a educação democrática não é apenas um meio de transmitir conhecimento, mas um espaço de desenvolvimento moral, onde os estudantes, ao participarem ativamente do seu aprendizado, aprendem a tomar decisões informadas, a respeitar a diversidade e a contribuir para o bem comum (DEWEY, 1916). Portanto, as ideias de Dewey reforçam que a escola deve ser um microcosmo da sociedade, onde o exercício da ética se dá de forma prática, preparando os alunos para uma participação crítica e responsável na vida social.

## 4.2 A ÉTICA PRAGMÁTICA E POLÍTICA

John Dewey, desenvolveu uma visão de democracia que vai além do mero mecanismo político de eleições e representação. Para Dewey, a democracia é um modo de vida intrinsecamente ligado à educação e à participação ativa dos cidadãos na vida comunitária. Ele defendia uma democracia participativa, onde a participação direta dos indivíduos nos processos decisórios é fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e equitativa (DEWEY, 1916).

Dewey acreditava que a democracia deve ser entendida como uma prática social que permeia todas as esferas da vida, não se restringindo apenas ao âmbito político formal. Em sua obra "*Democracy and Education*", Dewey propõe que a educação seja o meio pelo qual os indivíduos são preparados para participar de forma crítica e ativa na sociedade democrática (DEWEY, 1916). Ele propõe que a escola funcione como uma comunidade em miniatura, onde os alunos podem experimentar a democracia por meio da participação em atividades colaborativas e decisões coletivas (DEWEY, 1916).

A visão de Dewey sobre a democracia é fundamentada na ideia de que a participação ativa dos cidadãos é essencial para o funcionamento saudável da sociedade. Segundo Dewey, a participação direta nos processos decisórios não só fortalece a coesão social, mas também promove o desenvolvimento pessoal e coletivo. Ele enfatiza que a democracia não pode ser um estado estático, mas deve ser um processo contínuo de construção e reconstrução, onde os indivíduos estão constantemente envolvidos na solução de problemas e na tomada de decisões que afetam suas vidas (DEWEY, 1938a).

Westbrook (1991) destaca que, para Dewey, a democracia não é apenas um sistema político, mas um ideal moral que promove a igualdade e a liberdade. Westbrook argumenta que "Dewey vê a democracia como um meio para alcançar a realização individual e social, onde cada pessoa tem a oportunidade de contribuir para o bem comum" (WESTBROOK, 1991, p.87).

Richard Rorty (1999), reforça a ideia de Dewey de que a educação desempenha um papel crucial na formação de cidadãos democráticos. Rorty (1999) observa que, para Dewey, a escola deve ser um espaço onde os alunos aprendem a pensar criticamente, a cooperar com os outros e a participar ativamente na vida comunitária. Ele argumenta que "a visão de Dewey sobre a educação democrática é

uma resposta às necessidades de uma sociedade pluralista e em constante mudança” (RORTY, 1999, p.57).

Além disso, Robert B. Westbrook, em seu livro *"John Dewey and American Democracy"*, sublinha a importância da comunicação na democracia participativa de Dewey. Segundo Westbrook, Dewey acredita que:

A comunicação aberta e honesta é fundamental para a construção de uma comunidade democrática. Através do diálogo e da deliberação, os indivíduos podem compartilhar experiências, resolver conflitos e tomar decisões informadas que refletem o interesse coletivo (WESTBROOK, 1991, p.89).

A visão de Dewey sobre a democracia participativa também implica uma crítica às formas de governo autoritárias e elitistas. Ele argumenta que: “tais sistemas são incapazes de promover o desenvolvimento humano pleno, pois restringem a participação dos cidadãos e mantêm o poder concentrado em poucas mãos” (DEWEY, 1938a, p.225). Dewey advoga por uma democratização das instituições sociais, incluindo a economia, para garantir que todos os indivíduos tenham a oportunidade de participar e influenciar as decisões que afetam suas vidas (DEWEY, 1938a).

Dewey também relaciona a democracia participativa à ideia de justiça social. Para ele, uma sociedade democrática deve trabalhar para eliminar as desigualdades que impedem a plena participação de todos os seus membros. Através de políticas inclusivas e equitativas, a democracia pode promover o bem-estar coletivo e assegurar que todos tenham as condições necessárias para desenvolver suas capacidades e contribuir para a comunidade (DEWEY, 1916).

A visão de John Dewey sobre a democracia participativa é uma contribuição significativa para o pensamento político e educacional. Ele vê a democracia como um modo de vida que exige a participação ativa dos cidadãos em todos os aspectos da vida comunitária.

John Dewey argumenta que "a ética e a moralidade são fenômenos essencialmente sociais e dinâmicos" (DEWEY, 1938a, p.226). Para Dewey, o cidadão desempenha um papel central na construção ética da sociedade, pois a moralidade emerge das interações sociais e das práticas comunitárias. No entanto, Dewey critica as concepções tradicionais de moralidade que a tratam como um conjunto fixo de normas e princípios universais. Ele defende que a moralidade não é estática, mas está em constante evolução, moldada pelas necessidades e desafios específicos de cada

contexto histórico e social. Essa visão rejeita a ideia de uma moralidade transcendental e enfatiza que os valores morais são continuamente forjados, testados e reformulados através da participação ativa e crítica dos indivíduos na vida social, de modo que a moralidade reflète as experiências coletivas e as práticas democráticas em que os cidadãos estão engajados (DEWEY, 1938a). Para Dewey, essa participação crítica é essencial, pois é através dela que as normas e valores são ajustados às realidades concretas, permitindo que a moralidade se mantenha relevante e responsiva às demandas de uma sociedade em mudança.

Dewey rejeita a ideia de que a moralidade possa ser entendida como um conjunto fixo de regras ou princípios abstratos. Em vez disso, ele defende uma ética pragmatista, onde os valores morais são continuamente reconstruídos através das experiências e das interações sociais. Segundo Dewey, a moralidade deve ser vista como um processo de resolução de problemas, onde os cidadãos, ao enfrentarem os desafios e dilemas da vida cotidiana, desenvolvem e ajustam suas normas éticas (DEWEY, 1922).

A participação ativa dos cidadãos é crucial nesse processo, pois é através do engajamento e do diálogo que as normas éticas se tornam relevantes e aplicáveis às condições concretas da vida social. Dewey argumenta que:

A democracia oferece o melhor contexto para essa construção ética, pois promove a igualdade de participação e a liberdade de expressão, assim, os cidadãos têm a oportunidade de contribuir para a definição e a revisão dos valores morais que governam suas vidas (DEWEY, 1938a, p.226).

De acordo com Richard Bernstein (2010), a filosofia pragmatista de Dewey vê a ética como uma prática coletiva e colaborativa. Bernstein (2010) destaca que, para Dewey, os cidadãos não são meros receptores passivos de normas morais, mas agentes ativos na criação e na transformação dessas normas. A moralidade, nesse sentido, é um empreendimento comunitário que requer a participação contínua e a reflexão crítica dos indivíduos (BERNSTEIN, 2010).

Robert B. Westbrook, também enfatiza a dimensão social da ética pragmatista. Westbrook observa que, para Dewey, a construção ética não pode ser separada das práticas e instituições sociais. Ele argumenta que:

Os cidadãos devem estar envolvidos nas instituições democráticas e nos processos deliberativos que moldam a vida social, pois é através dessa

participação que se estabelece um sentido compartilhado de justiça e bem comum (WESTBROOK, 1991, p. 90).

A educação desempenha um papel fundamental na visão de Dewey sobre a construção ética da sociedade. Dewey acredita que a escola deve ser um espaço onde os alunos aprendem a participar ativamente e a colaborar na resolução de problemas. Em "*Democracy and Education*", ele argumenta que "a educação moral deve ser integrada ao currículo escolar, promovendo o desenvolvimento de habilidades críticas e a capacidade de agir de maneira ética em contextos diversos" (DEWEY, 1916, p.163).

Esta perspectiva é reforçada por Philip Jackson, que em sua obra "*John Dewey and the Philosopher's Task*" sublinha a importância da educação para a formação de cidadãos éticos e democráticos. Jackson afirma que, para Dewey, a escola deve ser uma comunidade em miniatura onde os alunos praticam a democracia e desenvolvem um senso de responsabilidade moral. Através da participação ativa em atividades escolares, os alunos aprendem a negociar valores e a resolver conflitos, preparando-se para contribuir eticamente na sociedade adulta (JACKSON, 2002).

A visão de Dewey sobre o papel do cidadão na construção ética da sociedade tem implicações significativas para a teoria e a prática da democracia. Ele argumenta que a moralidade é um processo dinâmico e coletivo, onde os cidadãos, através de sua participação ativa, contribuem para a definição e a realização dos valores éticos (DEWEY, 1938a). No pensamento de Dewey, não são instituições religiosas, políticas ou autoridades externas que definem a ética, as normas e os valores; ao contrário, estes emergem das interações sociais e das experiências compartilhadas dentro de uma comunidade democrática (DEWEY, 1916). A substância crítica de sua teoria está na rejeição de qualquer fonte fixa ou transcendental de moralidade, substituindo-a por uma visão pragmatista em que os valores são constantemente redefinidos e ajustados em resposta às necessidades e desafios concretos da sociedade (DEWEY, 1938a). Dewey sustenta que os cidadãos, ao engajarem-se ativamente em práticas comunitárias e no debate público, participam de um processo contínuo de revisão crítica e reconstrução dos valores éticos (DEWEY, 1938a), tornando a moralidade flexível, adaptativa e profundamente enraizada na vida social. Essa abordagem enfatiza que a ética é um produto de ações e reflexões coletivas, sempre sujeita a transformação conforme as realidades sociais evoluem (DEWEY, 1938a).

### 4.3 DESAFIOS E CRÍTICAS À ÉTICA PRAGMATISTA

John Dewey deixou um legado significativo nas áreas da educação, ética e política. No entanto, sua abordagem não está isenta de críticas. As principais críticas à obra de Dewey concentram-se na sua concepção de experiência, na aplicabilidade prática de suas ideias educacionais, na sua visão de democracia e na sua filosofia pragmática.

Uma das críticas mais comuns à filosofia de Dewey refere-se à sua concepção de experiência como base do conhecimento. Dewey propõe que a experiência é uma interação contínua entre o ser humano e seu ambiente, onde o conhecimento é construído através de um processo ativo de reconstrução (DEWEY, 1925). Contudo, críticos como Thomas Nagel questionam a subjetividade inerente a essa abordagem. Nagel sugere que a ênfase de Dewey na experiência individual pode levar a uma visão relativista do conhecimento, onde a objetividade científica e a universalidade dos princípios racionais são comprometidas (NAGEL, 1986).

No campo da educação, a pedagogia progressista de Dewey, que promove a aprendizagem através da experiência e a centralidade do aluno no processo educativo, também enfrenta críticas. E.D. Hirsch, por exemplo, argumenta que:

A abordagem de Dewey pode ser impraticável em contextos educacionais reais, onde a estrutura curricular e os métodos tradicionais de ensino ainda predominam, esta ênfase excessiva na aprendizagem experiencial pode negligenciar a necessidade de uma base sólida de conhecimentos factuais e habilidades básicas (HIRSCH, 1996, p.320).

Além disso, a visão de Dewey sobre a democracia como um modo de vida que deve permear todas as esferas da sociedade é alvo de escrutínio. Dewey vê a democracia não apenas como um sistema político, mas como uma forma de interação social que promove a participação ativa e a cooperação entre os cidadãos (DEWEY, 1916). No entanto, críticos como Sheldon Wolin em *“Democracy Incorporated: Managed Democracy and the Specter of Inverted Totalitarianism”* (2008) argumentam que “essa visão idealista da democracia pode ser difícil de alcançar na prática, especialmente em sociedades complexas e diversificadas” (WOLIN, 2008, p.315). Wolin sugere que a abordagem de Dewey subestima os desafios inerentes à implementação de uma democracia tão inclusiva e participativa (WOLIN, 2008).

A filosofia pragmática de Dewey, que enfatiza a importância das consequências práticas das ideias e a verificação empírica, também é criticada. Richard Rorty (1982), um defensor do pragmatismo, aponta que a ênfase de Dewey na ciência e na investigação empírica pode limitar a compreensão das questões filosóficas mais abstratas e metafísicas (RORTY, 1982). Rorty (1982) argumenta que “o pragmatismo de Dewey pode falhar em abordar adequadamente as preocupações filosóficas sobre a natureza última da realidade e da verdade” (RORTY, 1982, p.189).

Outra crítica relevante é apresentada por Alasdair MacIntyre, que questiona a viabilidade da ética pragmatista de Dewey. MacIntyre argumenta que “a ética de Dewey, baseada em um processo contínuo de reconstrução e adaptação, pode carecer de uma base normativa firme” (MACINTYRE, 1981, p. 164). Ele sugere que a falta de fundamentos éticos sólidos pode levar a uma moralidade excessivamente flexível e suscetível a mudanças arbitrárias, comprometendo a consistência e a integridade dos valores morais (MACINTYRE, 1981).

Embora a abordagem de Dewey tenha influenciado profundamente a filosofia, a educação e a política, ela não está livre de críticas. As críticas à sua concepção de experiência, à aplicabilidade prática de suas ideias educacionais, à visão de democracia e à sua filosofia pragmática destacam os desafios e as limitações inerentes às suas teorias. Essas críticas fornecem um contraponto importante ao entendimento das contribuições de Dewey, estimulando um debate contínuo sobre a relevância e a aplicabilidade de suas ideias no contexto contemporâneo.

No entanto, John Dewey e seus seguidores responderam a estas críticas às suas teorias com argumentos que reforçam a relevância do pragmatismo em diversos campos do conhecimento. As críticas às ideias de Dewey, particularmente sobre sua concepção de experiência, pedagogia progressista, visão de democracia e filosofia pragmática, foram abordadas de maneiras que reafirmam a aplicabilidade e a profundidade de suas propostas.

Uma das críticas centrais à concepção de experiência de Dewey, como apontado por Thomas Nagel, refere-se à suposta subjetividade e relativismo inerentes à sua abordagem (NAGEL, 1986). Em resposta, Dewey e seus seguidores enfatizam que a experiência não deve ser vista como meramente individualista ou subjetiva. Dewey propõe que a experiência é, por definição, uma interação entre o indivíduo e o ambiente, o que implica uma dimensão compartilhada e objetiva (DEWEY, 1925). Essa perspectiva é reforçada por Hilary Putnam, que defende que a concepção de

experiência de Dewey incorpora elementos de objetividade ao considerar o impacto das interações sociais e ambientais nas experiências individuais (PUTNAM, 1995).

No campo educacional, críticos como E.D. Hirsch apontam para a suposta impraticabilidade da pedagogia progressista de Dewey em contextos educacionais reais (HIRSCH, 1996). Em resposta, educadores progressistas como Alfie Kohn defendem que as metodologias de Dewey são aplicáveis e benéficas quando implementadas adequadamente. Kohn argumenta que “a educação centrada no aluno, defendida por Dewey, promove habilidades críticas e criatividade, essenciais para a formação de cidadãos competentes e engajados” (KOHN, 1999, p.296). Além disso, pesquisas contemporâneas em educação, como as de Linda Darling-Hammond, demonstram que abordagens educacionais baseadas na experiência e na interação social melhoram significativamente os resultados de aprendizagem (DARLING-HAMMOND, 2008).

A visão de democracia de Dewey também foi alvo de críticas, especialmente quanto à sua aplicabilidade prática em sociedades complexas (WOLIN, 2008). Dewey argumenta que “a democracia, como proposta por ele, não é apenas um sistema político, mas um modo de vida que deve ser continuamente construído e aprimorado através da participação ativa e da deliberação pública” (DEWEY, 1916, p.164). Robert B. Westbrook destaca que a concepção de democracia de Dewey inclui mecanismos de participação direta e formas de fortalecer as instituições democráticas para torná-las mais inclusivas e responsivas (WESTBROOK, 1991).

Quanto à filosofia pragmática de Dewey, que Richard Rorty (1982) critica por sua ênfase na verificação empírica e nas consequências práticas (RORTY, 1982), Dewey responde argumentando que essa ênfase é precisamente o que torna sua filosofia relevante e aplicável aos problemas reais. Dewey afirma que a filosofia deve estar enraizada nas experiências humanas e nas condições concretas da vida cotidiana, proporcionando uma base sólida para a ação prática e a resolução de problemas (DEWEY, 1938a). Este ponto é reforçado por Larry Hickman, que sustenta que a abordagem pragmática de Dewey oferece uma maneira flexível e adaptativa de lidar com questões complexas e dinâmicas, características do mundo moderno (HICKMAN, 2006).

Por fim, Alasdair MacIntyre critica a ética pragmatista de Dewey por sua suposta falta de fundamentos normativos sólidos (MACINTYRE, 1981). Em resposta, Dewey propõe que a ética deve ser vista como um processo evolutivo e contextual,

em vez de um conjunto fixo de regras. Ele baseia sua ética numa antropologia naturalista, na qual o ser humano é concebido como um ser social e experimental, cuja moralidade é moldada pelas interações com o ambiente e as circunstâncias que enfrenta. Dewey defende que a moralidade emerge das condições concretas da vida social e das necessidades práticas das comunidades, em vez de ser derivada de princípios universais e imutáveis (DEWEY, 1922). Para ele, a ética é um processo contínuo de adaptação, em que os indivíduos, ao experimentarem e refletirem sobre suas ações, desenvolvem normas éticas que são provisórias e sujeitas a mudanças conforme novas experiências e desafios surgem (DEWEY, 1922). Esta visão é apoiada por contemporâneos como Elizabeth Anderson, que defende que a ética pragmatista de Dewey promove um entendimento mais flexível e responsivo da moralidade, ajustado às realidades sociais e culturais em constante mudança (ANDERSON, 2010). A fundamentação antropológica de Dewey, portanto, reforça que a moralidade é um produto da natureza humana, inserida em um processo de evolução social e cultural, e não de um código rígido e eterno de valores.

Dewey e seus seguidores abordam as críticas às suas teorias com respostas que enfatizam a aplicabilidade prática, a flexibilidade e a relevância de suas ideias no mundo contemporâneo. Através de uma defesa robusta e de reformulações adaptativas, eles reforçam a importância do pragmatismo de Dewey como uma abordagem filosófica vital e dinâmica.

## 5 CONCLUSÃO

Ao longo desta monografia, exploramos a ética pragmática de John Dewey, uma abordagem que se destaca por sua flexibilidade e relevância contemporânea. Dewey argumenta que a ética deve ser entendida como um processo evolutivo e contextual, baseado nas interações sociais e nas necessidades práticas das comunidades. Esta visão contrasta com as abordagens éticas tradicionais que buscam fundamentos normativos fixos e universais.

Através da análise dos fundamentos do pragmatismo de Dewey, percebemos como suas ideias são moldadas pelas mudanças sociais, científicas e tecnológicas do final do século XIX e início do século XX. Dewey rejeita dicotomias rígidas entre teoria e prática, promovendo uma integração entre esses dois aspectos, o que resulta em uma ética dinâmica e adaptável.

Nos capítulos subsequentes, investigamos a aplicação prática da ética pragmática de Dewey em áreas como educação e política. Observamos como seus princípios foram implementados na educação moderna, destacando a importância da educação moral e do desenvolvimento do caráter. Na esfera política, discutimos a relevância de sua visão de democracia participativa, onde o papel do cidadão é central na construção ética da sociedade.

Concluimos que a ética de Dewey continua sendo uma ferramenta valiosa para enfrentar os dilemas morais contemporâneos, oferecendo uma abordagem que é ao mesmo tempo robusta e flexível. Sua ênfase na experiência e na ação prática proporciona uma base sólida para a moralidade em um mundo em constante mudança. Um exemplo dessa aplicação pode ser visto nas discussões sobre bioética, particularmente em temas como a medicina personalizada e as práticas de saúde pública. Em vez de aderir a princípios absolutos, a ética pragmatista de Dewey orienta decisões baseadas nas consequências práticas e no bem-estar das comunidades envolvidas, avaliando continuamente os impactos à luz de novas informações e tecnologias. Outro exemplo relevante é o debate sobre justiça social e políticas públicas, onde Dewey propõe uma abordagem centrada no contexto social e nas interações entre indivíduos e instituições. Nas questões relacionadas à desigualdade, sua ética sugere a necessidade de constante revisão das normas e práticas com base nas experiências reais de grupos marginalizados, promovendo a adaptação das políticas a situações concretas e sempre mutáveis. Por fim, a ética de Dewey também

é aplicada na educação, através de abordagens como a Aprendizagem Baseada em Projetos e a educação democrática. Nesses modelos, os alunos aprendem a tomar decisões éticas por meio de experiências práticas e reflexivas, alinhadas ao seu contexto social, promovendo valores como a cooperação, o respeito à diversidade e a responsabilidade cívica, conceitos centrais na visão ética de Dewey.

Por fim, sugerimos direções para pesquisas futuras, especialmente na aplicação dos princípios éticos de Dewey em áreas emergentes e no desenvolvimento de novas formas de educação moral que se alinhem com as necessidades e desafios do século XXI. Esperamos que este trabalho contribua para um entendimento mais profundo da ética pragmática de John Dewey e inspire novas investigações que possam expandir e aplicar suas ideias de maneira inovadora e significativa.

Este estudo reafirma a posição de John Dewey como uma das figuras mais significativas do pragmatismo e da filosofia ética moderna, destacando a importância contínua de sua obra para o desenvolvimento de uma ética que seja relevante e aplicável às complexidades da vida contemporânea.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Elizabeth. *The Imperative of Integration*. Princeton: Princeton University Press, 2010.

BARRON, B. J. S.; SCHWARTZ, D. L.; VYE, N. J.; ZECH, L.; BRANSFORD, J. D. Doing with understanding: Lessons from research on problem-and project-based learning. *Journal of the Learning Sciences*, v. 7, n. 3-4, p. 271-311, 1998.

BENTHAM, Jeremy. *An Introduction to the Principles of Morals and Legislation*. 1789.

BERNSTEIN, Richard J. *Praxis and Action: Contemporary Philosophies of Human Activity*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1971.

\_\_\_\_\_. *The Pragmatic Turn*. Cambridge: Polity Press, 2010.

BLACK, P.; WILIAM, D. Assessment and classroom learning. *Assessment in Education: Principles, Policy & Practice*, v. 5, n. 1, p. 7-74, 1998.

BOOTH, T.; AINSCOW, M. *Index for inclusion: Developing learning and participation in schools*. Bristol: CSIE, 2002.

CREMIN, L. A. *The transformation of the school: Progressivism in American education, 1876-1957*. New York: Vintage Books, 1961.

DARLING-HAMMOND, Linda. *The Right to Learn: A Blueprint for Creating Schools that Work*. San Francisco: Jossey-Bass, 2008.

DESCARTES, René. *Meditationes de Prima Philosophia*. Paris: Michel de Soly, 2016.

DEWEY, J. *Democracy and Education*. New York: Macmillan, 1916.

\_\_\_\_\_. *Ethics*. New York: Henry Holt and Company, 1915.

\_\_\_\_\_. *Experience and Education*. New York: Kappa Delta Pi, 1938a.

\_\_\_\_\_. *Experience and Nature*. Chicago: Open Court, 1925.

\_\_\_\_\_. *How We Think*. Boston: D.C. Heath & Co., 1910.

\_\_\_\_\_. *Human Nature and Conduct*. New York: Henry Holt and Company, 1922.

\_\_\_\_\_. *Individualism Old and New*. New York: Minton, Balch, 1930.

\_\_\_\_\_. *Logic: The Theory of Inquiry*. New York: Henry Holt and Company, 1938b.

\_\_\_\_\_. *Moral Principles in Education*. Boston: Houghton Mifflin, 1909.

\_\_\_\_\_. *Studies in Logical Theory*. Chicago: University of Chicago Press, 1903.

\_\_\_\_\_. *The Public and Its Problems*. New York: Henry Holt and Company, 1927.

\_\_\_\_\_. *The Quest for Certainty*. New York: Minton, Balch & Company, 1929.

\_\_\_\_\_. *The School and Society*. Chicago: University of Chicago Press, 1899.

DEWEY, John; TUFTS, James Hayden. *Ethics*. New York: Henry Holt and Company, 1932.

EDWARDS, C. P. Three approaches from Europe: Waldorf, Montessori, and Reggio Emilia. *Early Childhood Research & Practice*, v. 1, n. 1, p. 1-20, 1998.

FENSTERMACHER, G. D. John Dewey and the future of education. *Educational Theory*, v. 51, n. 2, p. 233-239, 2001.

FESMIRE, Steven. *John Dewey and Moral Imagination: Pragmatism in Ethics*. Bloomington: Indiana University Press, 2003.

HICKMAN, Larry. *Pragmatism as Post-Postmodernism: Lessons from John Dewey*. New York: Fordham University Press, 2006.

HIRSCH, E. D. *The Schools We Need: And Why We Don't Have Them*. New York: Doubleday, 1996.

HOOK, Sidney. *John Dewey: An Intellectual Portrait*. New York: Cosmo Publications, 1970.

JACKSON, Philip. *John Dewey and the Philosopher's Task*. New York: Teachers College Press, 2002.

JAMES, W. *Pragmatism: A New Name for Some Old Ways of Thinking*. New York: Longmans, Green, and Co., 1907.

\_\_\_\_\_. *The Principles of Psychology*. New York: Henry Holt and Company, 1890.

JOHNSON, D. W.; JOHNSON, R. T. *Learning Together and Alone: Cooperative, Competitive, and Individualistic Learning*. Boston: Allyn and Bacon, 1999.

KANT, Immanuel. *Groundwork of the Metaphysics of Morals*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

KLUGE, I. E. *Pragmatism: A Philosophical Approach*. London: Routledge, 2004.

KITCHER, Phillip. *The Ethical Project*. Cambridge: Harvard University Press, 2011.

KOHN, Alfie. *The Schools Our Children Deserve: Moving Beyond Traditional Classrooms and "Tougher Standards"*. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 1999.

MACINTYRE, Alasdair. *After Virtue: A Study in Moral Theory*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1981.

MAYHEW, K. C.; EDWARDS, A. C. *The Dewey School: The Laboratory School of the University of Chicago 1896-1903*. New York: Atherton Press, 1965.

MEAD, G. H. *Mind, Self, and Society*. Chicago: University of Chicago Press, 1934.

MENAND, L. *The Metaphysical Club: A Story of Ideas in America*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2001.

MILL, John Stuart. *Utilitarianism*. London: Parker, Son, and Bourn, 1863.

MISAK, C. *The American Pragmatists*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

NAGEL, Thomas. *The View from Nowhere*. New York: Oxford University Press, 1986.

NODDINGS, N. *Caring: A Feminine Approach to Ethics and Moral Education*. Berkeley: University of California Press, 1984.

\_\_\_\_\_. *Education and Democracy in the 21st Century*. New York: Teachers College Press, 2013.

PEIRCE, C. S. *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Cambridge: Harvard University Press, 1931-1958.

\_\_\_\_\_. How to Make Our Ideas Clear. *Popular Science Monthly*, v. 12, p. 286-302, 1878.

PUTNAM, H. *Pragmatism: An Open Question*. Oxford: Blackwell, 1995.

QUINE, W. V. Two Dogmas of Empiricism. *The Philosophical Review*, v. 60, n. 1, p. 20-43, 1951.

RORTY, Richard. *Consequences of Pragmatism*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1982.

\_\_\_\_\_. *Philosophy and Social Hope*. New York: Penguin Books, 1999.

SEIGFRIED, Charlene Haddock. *Pragmatism and Feminism: Reweaving the Social Fabric*. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

SHUSTERMAN, Richard. *Practicing Philosophy: Pragmatism and the Philosophical Life*. New York: Routledge, 1997.

THOMAS, J. W. *A Review of Research on Project-Based Learning*. San Rafael, CA: Autodesk Foundation, 2000.

WESTBROOK, Robert B. *John Dewey and American Democracy*. Ithaca: Cornell University Press, 1991.

WELCHMAN, Jennifer. *Dewey's Ethical Thought*. Ithaca: Cornell University Press, 1995.

WOLIN, Sheldon S. *Democracy Incorporated: Managed Democracy and the Specter of Inverted Totalitarianism*. Princeton: Princeton University Press, 2008.